

REFORMADOR

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEUS, CRISTO E CARIDADE

MARÇO, 1997 ANO 115 Nº 2.016

Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749



Editorial - Allan Kardec	2
Reencarnação - Juvanir Borges de Souza	3
Bem de Vida - Passos Lírio	6
Exercitando o Evangelho - Amar os inimigos - Inaldo Lacerda Lima	8
Divórcio - Ruy Ferreira	12
A convivência perfeita - Richard Simonetti	13
Flagelos - Washington Borges de Souza	15
Revelações inconseqüentes - Vianna de Carvalho	17
Oração diante da injúria - Lobo da Costa	19
Evolução e Entendimento - Evandro Noletto Bezerra	20
Esplorando o Evangelho - Dádivas espirituais - Emmanuel	22
O Mundo em que vivemos - Dalva Silva Souza	23
As lições de um pássaro - Carlos Augusto Abranches	25
Breve adeus a Kardec - Mário Frigéri	27
A FEB e o Esperanto - Manifesto de Praga	28
A Memória, o Padre e o Esperanto... - A. M. Santos	30
Reformador de ontem, ensinamento para hoje! - Um judicioso, um filósofo, um sábio: Allan Kardec - Hubert Forestier	31
O bombeiro espírita - Marcelo Paes Barreto	33
Livraria Espírita da FEB no seu Centenário - Zêus Wantuil	34
Campanha de Divulgação do Espiritismo	37
Rotina: erro a evitar - Paulo	41
Ricardo Lopes Gouveia - Affonso Soares	42
O Movimento Espírita nos Estados Unidos da América	44
Relações Humanas no Centro Espírita - Xerxes Pessoa de Luna	45
Seara Espírita - Fatos em Notícia	46

NOTA: Neste ano de 1997, vinte anos se completam do início da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infante-Juvenil, lançada em 1977 pela FEB em Brasília. A ilustração da nossa capa reproduz o cartaz comemorativo desse tão auspicioso fato, acentuando a importância que tem neste mundo a formação evangélico-espírita da criança e do jovem, como esperanças que são da Humanidade.

Editorial

ALLAN KARDEC

No dia 31 de março de 1869 desencarnou Allan Kardec, vítima do rompimento de um aneurisma.

Sua morte súbita encontrou-o em plena atividade. Atendia, em sua residência, a um caixeiro que viera em busca de livros, quando ocorreu o ataque fulminante.

Fácil imaginar o transtorno que o desaparecimento do sistematizador da Doutrina dos Espíritos causou ao Movimento Espírita, que tinha nele o guia, a liderança incontestada, a segurança personificada, o bom senso para a solução das mais difíceis questões.

Os primeiros dias após o decesso foram de perplexidade para seus amigos, para sua companheira e colaboradora Amélie Boudet e para os espiritistas que logo tomaram conhecimento do falecimento.

Hoje, na perspectiva do tempo, 128 anos após o desaparecimento do Codificador do Espiritismo do rol dos encarnados, podemos avaliar melhor o significado dessa vida missionária.

A obra monumental, que se iniciou em 1857 com "O Livro dos Espíritos", desdobrar-se-ia sucessivamente, até 1868, com a publicação de "A Gênese - os milagres e as predições segundo o Espiritismo"; compreendendo ainda a *Revue Spirite* e muitos escritos esparsos, posteriormente enfeixados em "Obras Póstumas".

A Doutrina Consoladora, de que Kardec se fez o intérprete da Espiritualidade Superior, veio para ficar definitivamente no Mundo.

A prova cabal dessa verdade é que, fenecendo aos poucos na Europa, diante dos embates de três guerras consecutivas, num período de 75 anos, e dos obstáculos opostos pelo materialismo multifário, transplantou-se, ainda no século passado, para a América, dando origem ao pujante Movimento Espírita brasileiro.

De conformidade com a lei natural, desapareceu o homem, o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, o Codificador do Espiritismo, mas não a sua obra, que tem a marca da perenidade e viverá pelos séculos a fora.

Reverenciemos Allan Kardec, o missionário-chefe da Terceira Revelação, o emissário do Cristo incumbido de dar cumprimento à sua promessa de enviar o Consolador para ficar entre os homens.

Reencarnação

JUVANIR BORGES DE SOUZA

Recente pesquisa anunciada pelos meios de comunicação de massas, em dezembro de 1996, dá o percentual de 35% da população brasileira como aceitando a doutrina da reencarnação, ou das vidas sucessivas, enquanto que 52% lhe são contrários. Os restantes 13% são os indecisos e os que não quiseram opinar.

Considerando que a grande maioria da nossa população é constituída de católicos romanos, adeptos das igrejas reformadas (protestantes) e materialistas confessos, os quais são radicalmente contrários à doutrina das vidas sucessivas, a conclusão lógica, diante dos números da pesquisa, é que católicos e protestantes estão aderindo à idéia reencarnacionista. Os materialistas ficam à margem dessa consideração, por não admitirem a existência da alma, ou espírito.

Essa dedução lógica mostra-nos, antes de mais nada, a força da realidade viva triunfando sobre dogmas e interpretações humanas divorciadas da verdade. Induz, outrossim, à constatação de que muitos religiosos seguidores das igrejas tradicionais, embora não se desligando de sua fé, não aceitam mais as imposições absurdas de doutrinas dogmáticas, contra a lógica dos fatos.

Por que a doutrina da reencarnação vai-se tomando cada vez mais difundida e aceita no mundo ocidental, onde impera o dogmatismo das igrejas oriundas do Cristianismo?

Em primeiro lugar, ela se firma por estar na natureza das coisas. É lei divina, que pode ser rejeitada e até anatematizada pelo fanatismo dos homens, mas não deixa de atuar como lei pela simples oposição dos que não a aceitam.

A própria Igreja dos primeiros séculos não se opunha à reencarnação. Havia divergências interpretativas. Muitos padres seguidores de Orígenes (século II) admitiam a reencarnação, que só foi repelida e condenada pelo Sínodo Permanente de Constantinopla, no ano de 543. O papa Virgílio aprovou a rejeição da tese anti-reencarnacionista baseado na decisão daquele Sínodo, acrescentando que a idéia da reencarnação era incompatível com a noção de que "Deus salva o homem pela morte e ressurreição de Jesus-Cristo."

Posteriormente, diversos outros Concílios proscreveram a doutrina reencarnacionista, o último dos quais foi o Vaticano II, em 1965.

A Igreja criou, assim, sua doutrina, com base em diversas decisões de seus concílios, através dos séculos. Foram decisões infelizes, divorciadas da realidade.

Isto não quer dizer que a doutrina autenticamente cristã, ou seja, aquilo que exsurge dos ensinamentos do Cristo expressos nos quatro Evangelhos, exclua ou repila a reencarnação.

O mal causado pelas interpretações humanas dos Evangelhos é evidente.

Se todos os obstáculos de nossas vidas foram superados pelo Cristo, que, segundo a doutrina da Igreja, assumiu todos os pecados na cruz e na ressurreição, bastando que a criatura aceite ser incluída no rol dos redimidos, qual o interesse de cada um em proceder corretamente e praticar as leis de Deus e dos homens, se sua *salvação* está assegurada de antemão?

Como fica a responsabilidade individual dos que praticam o mal conscientemente?

Onde a Justiça Divina, se o malfeitor, o criminoso, o corrupto, o mau, o indiferente são tratados da mesma forma que o caridoso, o sensível aos sofrimentos alheios, o que se sacrifica pelo seu próximo?

Há uma total injustiça nessa doutrina, que desestimula a prática do bem e a submissão aos ensinamentos evangélicos, que acena com o sacrifício de si mesmo, o trabalho individual dirigido ao bem, o amor ao próximo como condições de aperfeiçoamento. O progresso individual, a evolução contínua é que é a *salvação* e não uma espera de julgamento indefinida no tempo, como quer a doutrina ultrapassada da Igreja.

É evidente que o Cristo de Deus é o Salvador da Humanidade, oferecendo sua Mensagem de vida eterna como roteiro, como o *caminho* e a *verdade* que Ele mesmo se proclamou. Ele é

exemplificação e modelo, mas compete a cada criatura seguir o caminho indicado, com esforço, com amor, com dedicação e não ficar de braços cruzados à espera da *salvação*.

Pregar que a redenção da criatura se faz simplesmente pela cruz e pelo batismo e não pelo esforço de cada um, através de vidas sucessivas, é incentivar a indiferença pela vida, igualando bons e maus. É, igualmente, desprezar a Justiça Divina, na sua função de dar a cada um segundo suas obras, como ensinou o Cristo.

O mundo caminhou muito nos séculos que sucederam a Nova Era inaugurada com a presença de Jesus entre os homens.

Se seus ensinamentos não puderam ser apreendidos no seu sentido real, verdadeiro, por deficiência do entendimento dos homens, o tempo, o progresso das ciências e, sobretudo, a Nova Revelação trazida pelo Espírito Verdade e seus prepostos proporcionaram um conhecimento e um juízo mais consentâneo com a realidade.

A verdade e o entendimento justo dos Evangelhos estão à disposição dos homens, através do Consolador prometido e enviado pelo Cristo.

Compete aos homens, sobretudo às organizações religiosas tradicionais, atentarem para os novos tempos e aceitarem a nova interpretação dos textos evangélicos e não se petrificarem no entendimento antigo, contraditório, injusto e ingrato para com o próprio Cristo, cuja doutrina é de Amor, de Justiça e de Caridade.

É preciso atentar que o homem, enquanto se preparava para novos tempos, podia conviver com as trevas da Idade Média, guiado em suas carências intelectuais e morais por aqueles que eram os guias e intérpretes das Escrituras Sagradas.

Entretanto, após séculos de preparo e de progresso da Ciência, nas suas múltiplas divisões e aplicações, após tantas retificações de antigos enganos e, sobretudo, após o socorro do Alto com a vinda do Consolador, soou a hora das retificações necessárias dos erros cometidos pelos homens na interpretação dos textos sagrados, para que as religiões não mais cometam a injustiça de atribuir a Deus e ao Cristo os enganos de seus concílios e suas resoluções transformadas em dogmas.

É necessário que as Igrejas retifiquem seus enganos interpretativos para proveito de seus seguidores, seus fiéis, que se vêem desorientados com prejuízo evidente no desenrolar de suas vidas.

É desolador constatar que, nos albores do Terceiro Milênio da Era Cristã, as Igrejas ainda não tenham percebido a realidade da reencarnação como lei natural e a combatam com tanta veemência, numa contradição que muito tem a ver com o obscurantismo, já que tudo aponta para essa realidade antiquíssima: a ciência, as experiências, o bom-senso, a razão e o próprio texto dos Evangelhos, em algumas de suas passagens.

Como está claro na Doutrina Consoladora, o progresso das almas é resultado do esforço de cada uma. Sendo livres, trabalham com maior ou menor intensidade, segundo a própria vontade, acelerando ou retardando sua evolução e o encontro com a felicidade.

Portanto, são os Espíritos os próprios autores de sua situação feliz ou infeliz, de conformidade com o ensino de Jesus: *A cada um segundo as suas obras*.

Todos estão de acordo neste ponto:

"Existem, portanto, dois mundos: o *corporal*, composto de Espíritos encarnados; e o *espiritual*, formado dos Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal, devido mesmo à materialidade do seu envoltório, estão ligados à Terra ou a qualquer globo; o mundo Espiritual ostenta-se por toda parte, em redor de nós, como no Espaço, sem limite algum designado." ("O Céu e o Inferno" - 1ª parte, cap. III, nº 5.)

Ora, se existem dois mundos que estão em relacionamento, se do mundo espiritual partem as criaturas para o mundo corporal, encarnando-se e depois desencarnando, o que impediria que se repetisse a encarnação? Não é ela muito mais lógica que uma só vida na carne?

Se o corpo se destrói, de acordo com a lei natural e se o Espírito volta à sua condição livre, por que não poderia repetir a encarnação em novo corpo, que, por sua vez, será destruído também, repetindo-se assim a operação, enquanto a lei da evolução o determinar?

A dificuldade das Igrejas está nas próprias resoluções tomadas em seus concílios. Entenderam elas que a alma é criada no momento do nascimento do ser, ou de sua concepção, não admitindo que ela preexiste ao renascimento. Tudo o mais fica difícil de conceber diante dessa concepção discrepante da realidade, que é a da criação da alma no nascimento do ser, em contraposição à preexistência do ser espiritual.

Quando meditamos sobre os ensinamentos do Mestre Incomparável, como nessas passagens admiráveis:

Amai os vossos inimigos.

Bendizei os que vos maldizem.

Não julgueis para não serdes julgados.

No mundo tereis tribulações.

Eis que vos envio como ovelhas no meio dos lobos.

Entre vós, o maior seja servo de todos.

Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me;
torna-se impossível ter no Cristo um doador de vida fácil, sem sacrifícios.

Como nos mostra Emmanuel, se o Cristianismo é esperança sublime, fé restauradora e amor celestial, é também trabalho sacrificial para o aperfeiçoamento contínuo.

BEM DE VIDA

PASSOS LÍRIO

Não há aspiração mais generalizada do que a de querer todo o mundo estar bem de vida, conquistar um lugar ao sol.

Todos se identificam quando pretendem melhorar de situação.

Discordâncias só as encontramos quanto à natureza das pretensões em vista, que, a bem dizer, variam de indivíduo para indivíduo.

De tal maneira divergem as opiniões, tão díspares entre si se apresentam, por vezes, que considerá-las sob o prisma dos particularismos importaria em pura perda de tempo.

Entendemos que, sobre o assunto, só poderemos falar em tese.

As mudanças para melhor fazem parte da ordem natural das coisas; estão na sua essência mesma. Se este princípio é verdadeiro, aplicado às formas animadas e inanimadas da Criação, muito mais o será em se tratando do reino hominal.

Somos homens, isto é, seres pensantes, inteligentes, racionais. Logo, temos os nossos problemas, e, dentro deles, as nossas aspirações.

Não podemos negar um fato que nos salta aos olhos pela sua própria evidência.

Negá-lo, nunca! Discuti-lo, sim. Melhor diríamos analisá-lo, apreciar-lhe as circunstâncias, as condições, os fatores de envolvimento, sob cujas influências agimos para decidir de nossa própria sorte.

Leitor, que diríamos de um doente que pretendesse participar de uma competição atlética, qualquer que fosse ela?

Taxá-lo-íamos de louco, pelo desatino da idéia.

Não é outra a situação dos que tentam forçar situações para melhorar de vida.

Pensam em disputar a posse de grandes proventos, decorrentes de empregos rendosos, de posições vantajosas, de cargos lucrativos, de negócios vultosos, sem se inquirirem se estão preparados espiritualmente para entrar no seu usufruto com lúcido discernimento das responsabilidades contraídas.

Têm o necessário; às vezes, além do necessário; todavia, querem mais, para maior complicação de suas vidas.

Materialmente são proprietários de bens móveis e imóveis, de extensas fortunas; mas gostariam de ser até mesmo donos das nações de que são filhos e, se fora possível, do Planeta em que vivemos domiciliados.

Intelectualmente, também se acham dotados; no entanto, estimariam ofuscar quantas outras inteligências existem.

Como vemos, na base dos seus desejos está a ambição desmedida, desenfreada, absolutista.

Este o grande mal! Esta a autoflagelação de quem busca a infelicidade pelas próprias mãos, pedindo o que não pode, desejando o que não sabe, querendo o que não deve.

Pensam nos outros e em Deus quantos assim agem? Acreditamos que não pensam nem em si mesmos, pois, se o fizessem, não perderiam a honra para ganhar evidência, não sacrificariam a paz às intranqüilidades das especulações, não trocariam o céu interior pelo inferno das torturas morais, não se mostrariam refratários às coisas celestiais e eternas, para se chafurdarem nos pantanais das temporalidades letais do mundo.

Melhorarmo-nos com relação às exterioridades pode pouco ou quase nada representar. Melhorarmo-nos de dentro para fora, interiormente, intimamente - eis a questão, o ponto chave de nossa existência.

Bem de vida estará, não propriamente quem melhora de situação material e, sim, o que se melhora a si mesmo, crescendo em mentalidade superior, amalhando conhecimentos elevados, enriquecendo-se de virtudes, agigantando-se nos valores do Espírito.

De que nos serve sermos, hoje, o que não mais seremos amanhã? possuímos, agora, o que nos será tirado depois? Job perdeu tudo o que tinha. Salomão findou seus dias despojado de todas as suas glórias.

Ao ensejo do assunto, convém vejamos se, ao pensar em subir, não estaremos descendo; ou se o melhor pretendido por nós não será, em realidade, o pior que nos sobrevirá; ou, ainda, se a nossa almejada vitória não representará deplorável derrota, lastimável perdição.

Homem bem de vida - situação problemática, quase sempre de desfecho suspeito, em nossa transitória existência terrena.

Homem de bem na vida - situação definida para consecução definitiva do verdadeiro objetivo de nossa destinação eterna. Esta a causa e a meta de nossa permanência na Crosta Planetária e à qual tanto importa estejamos deveras atentos e de todo empenhados em conquistar.

EXERCITANDO O EVANGELHO

AMAR OS INIMIGOS

INALDO LACERDA LIMA

“Amai os vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei o bem aos que vos odeiam; orai pelos que vos perseguem e caluniam, a fim de serdes filhos de vosso Pai - que está nos céus.” *Jesus*, (MATEUS, 5: 44-45.)

Como amar um inimigo? Conforme o texto de Lucas (23:34) amou Jesus a todos aqueles que o perseguiram, caluniaram e cheios de ódio exigiram a sua condenação, que efetivamente se cumpriu. Eis o testemunho de Lucas:

"E, quando chegaram ao lugar chamado a caveira, ali o crucificaram, e aos malfeitores, um à sua direita e outro à esquerda. E disse Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem."

Aí está o exemplo do Cristo, no auge do martírio: "Pai, perdoa-lhes..." reconhecendo que não sabiam o que lhe faziam. Eis que o Senhor leva-lhes em conta a ignorância: *não sabem o que fazem*. O que existia neles era maldade mesmo. Além de o matar, quiseram humilhar o Cristo, crucificando-o entre ladrões e homicidas.

Mesmo assim, o Mestre ergue a voz na direção do Céu e os perdoa a todos. Eram sacerdotes, eram fariseus, eram doutores da lei. E, no entanto, não sabiam o que estavam fazendo, porque dominados pelo ódio, o terrível gigante da alma a que já nos referimos numa outra parte desta série, citando o professor Mira y Lopez.

Mais tarde, durante toda a Idade Média, a maldade se repete, quando continuaram torturando e matando, sempre com requintes de perversidade, isto é, queimando vivos os que lhes caíam em desgraça. E, naturalmente, consoante o espírito do Cristianismo, suas vítimas persistiram rogando ao Pai perdão para seus algozes. Mas será que eles, os novos doutores da lei, continuavam sem saber o que faziam? Sim, de certo! E muitos, ainda hoje, se julgam injustiçados pela própria História!...

Há alguns anos, caiu-nos nas mãos um livro de um autor para nós desconhecido, intitulado "Os Papas na Idade Média", de Geoffrey Barraclough, editado em Lisboa pela Editorial Verbo. E pensamos: deve ser interessante conhecermos a história da Igreja de Roma, porquanto pode existir aí um mundo de informações importantes, dado que se tratava do último volume de uma série intitulada "História Ilustrada da Europa". E de fato não nos enganamos. Apenas indagamos a nossa consciência sobre a razão pela qual tivéramos de ler tal livro.

Esse livro nos permitiu compreender certos fatos de um período trevoso da história da Humanidade e entender cada vez mais e melhor a conduta de Jesus ao expressar-se: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem."

Quando nos propusemos realizar, pedagogicamente, este trabalho relacionado com uma exercitação do Evangelho, é claro que objetivando um treinamento de auto-aperfeiçoamento com vistas à nossa purificação, não podíamos deixar de fora aquilo que mais difícil nos parece: o amor aos inimigos!

Se a história dos papas na Idade Média - numa extensão de pouco mais de dez séculos - testemunha-nos a presença do ódio no coração de homens que se propunham viver um amor que foi ensinado e exemplificado pelo redentor da Humanidade, obviamente ou o Cristo não foi compreendido ou o ódio aos inimigos é de um poder bem mais forte do que toda a excelsitude do Amor, o que não deixa de ser uma absurdidade filosófica.

Logo, o problema maior estava no atraso moral e intelectual do homem medieval, que não lhe permitia olhar para dentro de si mesmo, a fim de identificar e desarraigar o seu maior óbice ao exercício, desenvolvimento e ensino das lições do Evangelho do Cristo. De modo que, antes de pensar na continuidade abnegada dos primeiros apóstolos, tiveram as suas atenções voltadas para duas coisas muito perigosas: o poder e o luxo...

Reflitamos profundamente nestas palavras de Allan Kardec, dirigindo-se aos espíritas, no capítulo XII de "O Evangelho segundo o Espiritismo":

"Se o amor do próximo constitui o princípio da caridade, amar os inimigos é a mais sublime aplicação desse princípio, porquanto a posse de tal virtude representa urna das maiores vitórias alcançadas contra o egoísmo e o orgulho."

Somente com o Espiritismo se nos revelou o verdadeiro sentido das palavras do divino Amigo. Delas têm zombado os homens por não lhes permitir o estágio evolutivo em que se encontram - mormente na Idade Média - a interpretar o verdadeiro sentido das palavras de Jesus, que não pretendeu, segundo Kardec, "que cada um de nós tenha para com o seu inimigo a ternura que dispensa a um irmão ou amigo. A ternura pressupõe confiança (...)."

Esclarece, ainda, o Codificador que amar os inimigos não é ter por eles uma afeição que não está na Natureza. Consiste tal amor em não lhes guardar ódio, nem rancor, nem desejos de vingança.

Eis como nos adverte o Cristo, em seu Evangelho: "Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai não perdoará as vossas" (Mateus, 6:15). E ficamos a meditar, ainda uma vez, no que dissemos acima em relação ao período de trevas da Idade Média, quando os tribunais daquele chamado *santo* ofício se reuniam para condenar seres humanos à morte nas fogueiras, e em nome de Deus. Tudo em contradição com os ensinamentos de Jesus!

A propósito, examinando a Bíblia, no livro de Josué - aquele que conseguiu o estapafúrdio "milagre" de parar o Sol, que parado já é em relação à Terra, o que nos mostra a ingenuidade ou inocência do homem bíblico, lá nos detemos, um pouco, no exame do ódio contra os cananeus, tudo porque Cão, o segundo filho de Noé, responsável pela nação cananéia, foi pelo pai amaldiçoado, e por um motivo fútil.

Jeová, apoiando as razões de Noé, não ficou satisfeito com as vitórias de Josué contra os cananeus e autorizou a total exterminação deles, no que foi desobedecido pela nação israelita que, ao invés de exterminar Canaã, resolveu fazê-la tributária de Israel. (Josué, 17:13, e Juizes, 1:28.)

É deveras espantoso verificar quanto ódio, quanta matança, quantos massacres e quantas vezes a palavra vingança é repetida no livro dos livros!

É curioso que, no Evangelho, o Plenipotenciário divino nunca se refira a Jeová, Elohim, ou Yhvh nem a Adonai. Muitas dezenas de vezes repetiu a palavra Deus ou as expressões Pai, meu Pai, vosso Pai. E ele era insistentemente testado por escribas e fariseus. E os próprios judeus maravilhavam-se, dizendo: "Como sabe estas letras, não as tendo aprendido?" (João, 7:15.)

Logo, incontestável é a sabedoria e a autoridade do Cristo, não obstante em contradição com o espírito de ódio e vingança que parece reger toda a conduta do chamado povo de Deus.

Vale acentuar, ainda, o encontro do Mestre com a mulher cananéia ou cananeiana de que nos falam os evangelistas Mateus (15:21-28) e Marcos (7:24-30), que desejava a cura de sua filha possessa de um Espírito mau. E o Cristo encontra nela a oportunidade para mais uma lição aos judeus e à Humanidade futura de modo geral. Ele lhe nega o pedido, explicando a ela não ser justo dar aos cães o pão destinado aos filhos. E diante da resposta que ela lhe dá, naturalmente inspirada, o Mestre se maravilha e responde: "Mulher, grande é a tua fé: seja-te feito conforme desejas!" E no mesmo instante ficou-lhe curada a filha. E os judeus presentes não encontraram razão para censurá-lo, mesmo tendo ele dado a todos testemunho de que não ignorava a procedência daquela mulher.

Tudo o que pretendemos, neste estudo, é justificar a preocupação de Jesus com o amor aos nossos inimigos.

Nossas referências à ação má e perversa dos detentores do poder secular, na Idade Medieval, e à ação beligerante e vingativa do chamado povo de Deus na era recuada de sua história, tem como objetivo lembrar aos atuais *trabalhadores da última hora* - vivendo, hoje, sob as luzes do Consolador - que, em nós, a indumentária personalística atual bem pode estar substituindo a indumentária brutal ou estúpida do homem atrasado de ontem.

Amar os inimigos, os que nos feriram ou ferirem, os que nos perseguiram ou perseguirem, os que nos caluniaram ou caluniarem não é coisa impossível, já não é fardo tão pesado se, no exercitamento do Evangelho, nós reconhecermos efetiva e sinceramente, não apenas o preço (que nos pareça dor) mas o caminho e o portal de nossa libertação, que tem o sabor da glória!

Se estivermos, cientes, pela fé apoiada na razão, que Deus, nosso Pai, nunca permitirá que sofremos o que não merecermos sofrer, não nos será difícil entender que o inimigo de hoje poderá estar representando o inimigo que ontem fomos de alguém, a quem devemos ter machucado seriamente.

Além do mais, basta ler cada item, cada frase, cada pensamento daquele capítulo XII de "O Evangelho segundo o Espiritismo", e sobre eles meditar para compreendermos o real sentido das palavras do Cristo de Deus.

Amar os inimigos não é ir ao encontro deles, abraçá-los e beijá-los. Amar os nossos inimigos, se os tivermos, ainda que supostamente gratuitos, é jamais lhes guardar ódio, é perdoá-los sem pensamento ou intenções ocultas, é nunca lhes opor obstáculo à reconciliação, desejando-lhes sempre o bem e até vibrarmos de contentamento, quando formos informados de um grande bem que lhes advenha; numa palavra, não guardarmos contra eles qualquer ressentimento.

Sempre que nos surpreendermos na emissão natural ou espontânea de um pensamento de amor, em favor de alguém que haja procedido mal para conosco, estaremos recolhendo, aí, o testemunho de um coração em processo de espiritualização. Que isto ocorra com todos nós.

Se porventura tivermos dúvida a respeito do vigor da Doutrina Espírita dentro de nós, de que modo conseguiremos dirimir tão amarga incerteza?

Bastará que consultemos a consciência, na intimidade de uma meditação para a qual roguemos a presença do divino Amigo de nossas almas, mais ou menos assim:

- Como estarei aos olhos do Pai que me observa neste momento?
- Serei capaz de trair o meu próximo, que em mim confia?
- Serei capaz de mentir, ainda que premido por imensa necessidade, sabendo que, mentindo, prejudicarei o meu próximo?
- Serei capaz de praticar um ato desonesto, conscientemente?
- Serei capaz de negar a alguém aquilo que estiver ao meu alcance realizar?
- E quanto àquele que se positive meu inimigo, em função de sua conduta contra mim, serei capaz de negar-lhe perdão?
- E em se apresentando ocasião, serei capaz de prejudicá-lo?
- E dentro do movimento superior do Doutrina a que me julgo pertencer, em me sentindo incomodado por um companheiro, serei capaz de contra ele guardar ressentimento ou aversão?

Quantas outras indagações poderíamos alinhar aqui relacionadas com os nossos propósitos sinceros de renovação espiritual, no sentido de nos sentirmos cada vez mais enriquecidos de traços positivos em nossa personalidade! Que anseio de olharmos bem fundo no interior de nós mesmos e não mais percebermos preocupantes sinais denunciadores da possibilidade de novas precipitações em desastrosas quedas!

Diz-nos Kardec que "aquele que pode ser, com razão, qualificado de espírita verdadeiro e sincero, se acha em grau superior de adiantamento moral"¹. Mas, já estará isento da influência solerte da vaidade que não suporta censura e das paixões que incitam o ódio? Mais adiante, e no mesmo parágrafo daquele item 4, que se refere a *Os bons espíritas*, conclui o sábio lionês:

"Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más."

Enquanto estivermos situados na condição de Espíritos errantes, nunca seremos santos no sentido lato que se vem dando a este termo, mas convém, recordando Pedro em sua 1ª Epístola (1:15), que sejamos santos em sentido restrito ao termo em sua acepção inicial latina *Sanctus*, isto é, sempre dispostos a lutar com todas as nossas forças a fim de que jamais venhamos a sofrer censura da própria consciência *por não sabermos impor silêncio às nossas rivalidades e às nossas discórdias*,² permitindo que, em função delas, venhamos a causar dano à obra do Consolador.

Amar os inimigos importa também em zelar, portanto, pela respeitabilidade da Doutrina a que nos devotamos. Pois seria tristíssimo para nós termos informação de que alguém que simpatizara com o Espiritismo, sem ser ainda espírita, haja se afastado de nosso meio ao perceber *rivalidades e discórdias* entre companheiros.

Se amar os inimigos é evangelicamente grandioso, não deixa de ser profundamente decepcionante para a consciência afastarem-se espíritas uns dos outros por magoa ou ressentimento. Isso seria retorno ao nosso passado histórico, quando não dispúnhamos das luzes do Consolador prometido...

1. KARDEC, Allan. “O Evangelho segundo o Espiritismo”, Rio de Janeiro, 112ª edição, FEB, 1996, cap. XVII, item 4.

2. Idem, *ibidem*, cap. XX, item 5.

DIVÓRCIO

RUY FERREIRA

Durante uma palestra evangélica, alguém na platéia perguntou-me: - "O fim do casamento pelo divórcio é contrário à lei divina?". Para responder-lhe recorri ao capítulo 22 - *Não separeis o que Deus juntou* - de "O Evangelho segundo o Espiritismo". Vejamos a idéia-chave desse texto:

- Jesus responde aos fariseus que somente o adultério justifica o divórcio e a mulher repudiada é proibida de novo casamento (*Mateus, 19: 3-9*);

- o Mestre altera, naquele momento histórico, a Lei Mosaica que determinava a morte da adúltera;

- Ele também deixa claro que o casamento deve ser baseado no amor para tornar-se indissolúvel por si só;

- a lei civil não exige prova de amor dos nubentes. Logo, o casamento celebrado sob sua égide é solúvel, pois nem sempre o amor será causa da união, sendo muitas vezes substituído pela paixão carnal, interesses materiais e outros motivos menores.

O casamento é, pois, solúvel, e o divórcio é lícito aos olhos da sociedade. Entretanto, aos que se casaram por amor o divórcio é desnecessário. Isto porque o amor não se extingue como acontece com a paixão sensual ou o interesse financeiro. Assim sendo, quando todos se casarem por amor a lei civil do divórcio tornar-se-á caduca, pelo desuso.

A convivência perfeita

RICHARD SIMONETTI

Mário Vicente era vidrado na idéia das famílias espirituais, que se sobrepõem às precárias ligações sangüíneas.

Pois é - dizia, entusiasmado, a um confrade espírita -, os Espíritos tendem a formar grupos afins nos caminhos da vida.

- Reencarnam juntos?

- Sim, sempre que possível, compondo lares ajustados e harmônicos, "um por todos, todos por um".

- Você vive com sua família espiritual?

Mário Vicente esboçou um sorriso triste.

- Quem me dera! Lá em casa nosso relacionamento funciona mais na base de "cada um por si e Deus por todos". Estamos longe de um entendimento razoável. É muita discussão, muita briga... Somos velhos adversários amarrados pelo sangue a fim de nos reconciliarmos.

- Recebeu alguma revelação?

- Não... nem seria preciso! Basta observar nossos conflitos.

- A barra é pesada?

- Bem... não é tanto assim. Gosto muito de minha mulher. Até pensei, durante os primeiros tempos, fosse uma alma gêmea. Ela é dedicada ao lar, mãe prestimosa. Ocorre que é um tanto voluntariosa e, não raro, agressiva. Faz tempestade em copo d'água. Considero a Ernestina meu teste de paciência. Nossos "santos" estranham-se freqüentemente.

- E os filhos?

- Adoro todos eles, mas são Espíritos imaturos que dão trabalho e não raros desgostos. Imagine que Pedro, o mais velho, envolveu-se com drogas! Júnior, o do meio, "aborrescente" típico, vive a me questionar; Jussara é delicada e sensível mas puxou o gênio da mãe. Se contrariada, sai de perto! Um horror!

- São seus credores. Cobram prejuízos que você lhes causou em vidas anteriores...

- Certamente! Estou consciente desse compromisso. Tento fazer o melhor, sustentando a estabilidade do lar. No entanto, não é fácil. As vezes perco o controle. Envergonho-me das brigas em que me envolvo... Convenhamos, porém, que ninguém é de ferro...

Mário Vicente suspirou, emocionado:

- Sinto falta de um relacionamento familiar sustentado por legítima afinidade. Todos olhando na mesma direção, empenhados em cultivar a paz, o trabalho do bem, a amizade, a compreensão... Seria o paraíso! Vejo-me como um retardatário, preso a compromissos decorrentes de besteiras que andei cometendo purgando meus débitos. Certamente aprontei muito!

- Espera alcançar a família espiritual?

- Claro! Hei de cumprir minhas obrigações, fazendo o melhor, a fim de merecer um retomo ao convívio de meus queridos, em estágios mais altos... Tenho convicção de que uma companheira muita amada espera por meu sucesso nas provações humanas para nos reunirmos.

Animado por seus sonhos Mário Vicente esforçava-se para superar as dificuldades de relacionamento junto à esposa e filhos. Tolerava suas impertinências. Fazia de tudo para ajudá-lo. Exercitava carinho e compreensão.

O atendimento dos compromissos junto à família humana haveria de lhe proporcionar o sonhado reencontro com a família espiritual.

Passaram-se os anos.

Os filhos casaram, vieram netos, ampliou-se o grupo familiar, sucederam-se os problemas, mas nosso herói até que conseguiu sair-se relativamente bem, acumulando méritos.

Ao completar setenta e dois anos regressou à Pátria Espiritual.

Espírita esclarecido, não teve dificuldade para reconhecer-se livre do escafandro de carne, amparado por generosos benfeitores.

Após os primeiros tempos, já adaptado à nova situação, procurou dedicado orientador da instituição socorrista que o abrigara.

Foi logo pedindo, inspirado pelo ideal que acalentava:

- Estimaria, se possível, receber notícias de minha família espiritual...

- Seus familiares estão bem, nas lutas de sempre, sofrendo e aprendendo, como todos os homens.

- Estão reencarnados? Pensei que os encontraria aqui!

- Você conviveu com eles até alguns meses atrás. Não sabe que continuam na Terra?

- Não me refiro à família humana. Anseio abraçar os entes queridos de priscas eras, e sobretudo, a amada perdida nas brumas do passado...

O mentor sorriu:

- Falou bonito, mas está equivocado, meu amigo. Sua família espiritual é aquela que lhe marcou a experiência na carne. Sua esposa é uma alma de eleição. Os filhos são antigos companheiros de jornada evolutiva. Desde remoto passado vocês vivem experiências em comum.

- Mas e os nossos problemas de relacionamento?

- Haveriam de experimentá-los mesmo que se transferissem para a esfera do Cristo. Como ensinava o Mestre, ainda há muita dureza no coração humano.

- Que devo fazer?

- Você se julgava um retardatário. Na verdade, não obstante suas limitações, está um pouco à frente do grupo familiar, ainda lento na aquisição de valores espirituais. Tem, portanto, o dever de ajudá-lo. Foi essa a sua tarefa na última existência. Será esse o seu compromisso agora, exercitando a função de protetor espiritual junto aos seus.

E Mário Vicente, que tanto ansiara por sua família espiritual, constatou que estivera com ela durante décadas, sem se dar conta disso.

Muita água rolaria no rio da vida até que todos ganhassem asas, habilitando-se à convivência perfeita.

FLAGELOS

WASHINGTON BORGES DE SOUZA

É inegável que as sociedades humanas atuais atravessam uma fase de violências e outros desvios, vícios que flagelam as comunidades.

O uso incontido de drogas, a truculência contra pessoas e instituições para obtenção de bens e vantagens, os desatinos sexuais constituem, entre outros, preocupações constantes pelo crescimento alarmante desses atos, que degradam as pessoas que os praticam.

Há, pois, necessidade imperiosa de encontrar os meios para pôr termo a esse estado de coisas. As raízes desses males são, entretanto, profundas. As injustiças sociais, a gerarem fome e miséria são, inquestionavelmente, causas primárias desses tormentos. Contudo, não se pode negar que a primeiríssima determinante dessas ocorrências desastrosas é o afastamento da criatura de seu Criador. As religiões se mostram impotentes e incompetentes na condução do rebanho de almas. Elas mesmas, as religiões, não se entendem entre si e não apresentam a seus adeptos a solução para as angústias, aspirações e incertezas na penosa estrada humana, juncada de sofrimentos e vicissitudes, do berço ao túmulo.

Os poderosos da Terra e os detentores de fortuna não compreenderam, ainda, os mecanismos que governam a vida, e os deserdados de meios e recursos não têm obtido acesso à porta de saída da ignorância. Uns e outros não perceberam que a solução está em Deus, nas Suas leis justas, sábias e misericordiosas, sobretudo naquela que é uma síntese de todas, a de amor, que foi ensinada por Jesus, o Filho de Deus.

Para pôr cobro a tais desatinos não são suficientes leis, nem homens e armas por mais numerosos que sejam, muito menos presídios cada vez mais aperfeiçoados e em maior quantidade. A tarefa a executar é outra. Será aquela de plantar a esperança no coração, de acender a luz do entendimento e de mostrar a Justiça incorruptível à consciência das criaturas desde tenra idade. E essa é uma tarefa das religiões, muitas das quais não alcançaram ainda a verdade da reencarnação, segundo a qual a vida não termina no túmulo, mas, depois dele, retomamos à carne para reiniciar a caminhada.

Aos governantes cabe a tarefa essencial de construir escolas e hospitais para não terem, no futuro, de investir recursos em armas e presídios. E as leis dos homens precisam, por sua vez, mais se aproximar das normas divinas e naturais para que possam apresentar relativa estabilidade e eficácia.

Enquanto não atingimos melhores estágios evolutivos, os que já compreenderam suas responsabilidades precisam se munir de fé e de coragem e formar contingentes de boa vontade que espalhem a luz que ilumina a estrada do bem comum.

Teria havido retrocesso na conduta moral do ser humano? Aparentemente, não deixa de apresentar certa lógica essa indagação, já que no passado, remoto ou recente, tais flagelos não existiam nas atuais proporções. Na verdade, porém, não há retrocesso. No passado também havia violência, crimes e desajuste social, mas as populações eram menores e os desajustados em menor número, eram contidos e, ademais, não possuíam o sentido de liberdade de que desfrutam hoje, infelizmente direcionado para a prática delituosa.

Quanto às drogas, o seu uso são desvios que o homem criou como forma de fuga. É tormenta e submissão ao vício. Favorecem o alastramento desses males a ganância, a cobiça, a sede do enriquecimento ainda que ilícito, a falta de esperança e de certeza na vida futura.

Ainda hoje o Espiritismo é combatido, velada ou ostensivamente, por ignorância, por má-fé ou de boa-fé. Quando o adversário está de boa-fé, se procurar inteirar-se dos fundamentos dessa Doutrina, da sua essência, da sua filosofia e da moral cristã, à luz do Consolador, certamente que a ela dificilmente se oporá. Poderá, mesmo, converter-se de adversário a adepto, à semelhança do que ocorreu outrora com Paulo de Tarso, o culto Apóstolo dos Gentios, antes perseguidor dos cristãos, porque a ninguém é vedado enxergar a luz, mesmo que lhe falte a visão do corpo físico.

O Espiritismo é a doutrina natural que esclarece e encaminha. Abre a cada um de nós a oportunidade de examinar seus postulados e discernir sobre eles. Não impõe a ninguém normas de conduta. Deixa a cada um o uso do livre-arbítrio que Deus outorgou ao homem. Como a luz do Sol que clareia a Terra, procura iluminar o caminho humano. Mostra o rumo certo para o alcance da felicidade e adverte quanto aos desvios que levam ao sofrimento e ao resgate.

Não se nega essa Doutrina a examinar qualquer questão que envolva o ser humano e para tanto conta sempre, em toda parte, com os seus seareiros, encarnados e desencarnados, prontos a ajudar no encaminhamento de soluções.

A força dessa Doutrina não é a imposição de idéias, mas o uso livre da razão. Faculta a cada um a escolha da obediência ou não às leis divinas, apenas advertindo quanto às conseqüências.

É fora de dúvida que em todos os tempos houve manifestações espíritas porque são elas inerentes à própria condição humana. Mas a essência filosófica da Doutrina, na qual reside a sua inquebrantável força é, ainda, muito pouco difundida e conhecida, dado o seu recente advento entre os homens. O número de seus seguidores sinceros e conscientes é, ainda, muito limitado, embora cresça a cada dia. Cada vez mais essa Doutrina envolve a consciência e a razão das criaturas porque atende aos anseios de felicidade comuns a todos. O adepto, ao plantar no coração a esperança, o faz com plena certeza e lógica, sabendo que alcançará um futuro ditoso. Por maiores que sejam a dor, a desilusão e a saudade, da criatura, a Doutrina proporciona-lhe o bálsamo da consolação que ameniza, esclarecendo que nada está perdido, tudo se renova, tudo se refaz.

Nenhum dos filhos de Deus foi criado para perder-se ou destruir-se. Por mais que se aproxime o comportamento humano das baixezas e das ações mais vis, como ora ocorre no mundo, haverá sempre a oportunidade da reparação. A misericórdia divina não tem limites, nem a Sabedoria Infinita jamais será impedida de exercer Sua soberana e amorosa justiça.

Ainda que falhem todas as religiões e todas as tentativas de qualquer procedência para o alcance da paz, mesmo assim nos restará a esperança na oferta de Jesus: "A minha paz vos deixo, a minha paz vos dou."

Eis aí, em Jesus, no Seu Evangelho de Luz, nas Leis Naturais que o Espiritismo nos revela, as fontes onde devemos procurar a inspiração para sanar todos os flagelos que nos assaltam e nos afligem.

Muitas vezes as próprias religiões desvirtuam suas finalidades. Quando as práticas religiosas passam a usufruir vantagens pecuniárias, para o exercício de seus misteres, automaticamente se desviam do caráter de pureza com que devem ser tratadas as relações que envolvam a fé. Daí os abusos imperdoáveis que se verificam. É como se Deus outorgas-se a alguém poderes para intermediar o Seu relacionamento com os homens. São os vendilhões modernos dos templos a gerar na alma da criatura a desconfiança, muitas vezes com inteira procedência. Não há qualquer justificativa para a prática da simonia, em nome da fé. O exercício da caridade não admite paga e ninguém deve viver a expensas dos seus irmãos, em nome das coisas divinas.

Qualquer tarefa honesta já constitui uma forma de oração, mas as manifestações de fé e de amor a Deus e ao próximo devem permanecer sempre nos domínios do coração. Os valores do Espírito não podem ser confundidos com os da moeda. Quando se leva ao semelhante o alívio, a ajuda, o pão ou a moeda, tudo deve ter o inconfundível cunho do desinteresse pessoal e o imaculado caráter da caridade.

Quando começarmos a compreender que a conquista da felicidade começa na prática do bem, nos gestos de dar e não de receber, iniciaremos o processo de libertação dos vícios e dos sofrimentos que assolam e flagelam a sociedade humana.

Revelações inconseqüentes

O estudo do Espiritismo é de vital importância para que se possa penetrar-lhe a essência dos conteúdos científicos, filosóficos e ético-morais-religiosos.

Toda a sua doutrina se fundamenta na experiência que se deriva da observação contínua dos fatos, graças à metodologia quantitativo-qualitativa.

Não tendo sido elaboração de um homem ou de um grupo de indivíduos, não sofre os problemas de sistemas ou de idéias preconcebidas, mantendo incomum imparcialidade no exame e análise dos elementos que o constituem.

Resultado de demoradas reflexões e pesquisas, apóia-se nas leis naturais, que são fundamentais à vida de onde se derivam todos os seus postulados.

Os fenômenos que lhe facultaram o surgimento, em todas as épocas e Nações da Terra, passaram pelo crivo de contínuas experimentações, havendo resistido aos esquemas convencionais da dúvida, da fraude, das exteriorizações do inconsciente, antes de adquirirem cidadania e dignidade. Esses fenômenos foram considerados, no passado, como expressões da santificação, do misticismo, do ridículo - de acordo com a época em que se manifestaram - para se tornarem parte integrante da cultura humana, que os proporcionava, portanto, sem qualquer colorido fantasista ou miraculoso.

Passo a passo, as informações que se originaram nas comunicações foram objeto de exame e de comparação com o conhecimento intelectual, passando pelo crivo dos enfrentamentos com os sistemas vigentes e as doutrinas em voga, apresentando-se como um corpo harmônico de teses com características próprias, dantes não sonhadas sequer, compondo paradigmas que resistem aos mais intrincados processos de negação elaborados pelo materialismo, do qual é o mais vigoroso adversário.

Não se compadecendo com pieguismos culturais e atavismos ancestrais, o Espiritismo assenta-se na razão, que demonstra por meio dos conceitos avançados em torno do ser humano, da vida e da sua finalidade, tornando-se, por isso mesmo, um fértil campo de princípios filosóficos que dignificam e libertam as mentes e os sentimentos humanos.

Firmado nos princípios das Leis naturais, aquelas que regem o Universo, não pode ser ultrapassado, porque, à medida que surjam novas idéias centradas na lógica e resistentes aos combates extemporâneos da insensatez, o Espiritismo as aceitará, e quando essas conquistas do conhecimento demonstrarem que seja im procedente algum dos seus postulados, este será eliminado ou se amoldará ao impositivo da circunstância.

Não possuindo qualquer tipo de culto, de cerimonial, de ritualismo, de sacerdócio organizado ou equivalente, é a religião do ser integral, porque possui todos os fundamentos das religiões - Deus, imortalidade da alma, justiça divina, elevação de pensamento através da oração, exercício e vivência do amor - adentrando-se na demonstração da excelência desses conceitos, em face da sua feição de ciência experimental. Assim, para culminar esse objetivo demonstra a imortalidade do ser; mediante a sua comunicabilidade depois do decesso tumular; a justiça divina, recorrendo à reencarnação, que ora se converte na chave indispensável à compreensão dos acontecimentos históricos, sociológicos, humanos, econômicos, morais e espirituais que envolvem os indivíduos; a comunhão mental com a Fonte Geradora de vida, por meio do intercâmbio entre aquele que ora e o Fulcro ao qual é direcionada a emissão mental.

Em uma doutrina portadora de constituição elevada e sólida, sem brechas para o aventureirismo ou para o mercantilismo adivinhatório, somente se equivoca aquele que prefere manter-se à margem dos seus ensinamentos, que são claros como a luz que esbate a treva, ou que prefere o engodo à verdade, a fantasia à realidade, vivendo o período infantil do pensamento, irresponsável, portanto, ante os desafios existenciais para decifrar-se e avançar com segurança no rumo do destino traçado que tem à frente.

Não obstante, grassam em abundância, e multiplicam-se férteis, informações destituídas de veracidade, como aliás do agrado das pessoas acostumadas ao ludíbrio, às vaidades e exaltações do ego, que somente prejudicam, contribuindo para o aumento da ignorância e leviandade em torno dos assuntos relevantes da Humanidade.

Pseudos médiuns ou medianeiros em desequilíbrio, assessorados por Espíritos levianos que se comprazem em mantê-los no ridículo, amiúde apresentam-se como reveladores, e o são incoseqüentes, ludibriando a boa-fé dos incautos ou incensando os orgulhosos com bombásticas informações em torno do seu passado, com promessas mirabolantes sobre o seu futuro, ou ainda, como emissários de Embaixadores Celestes para evitarem calamidades, alterarem acontecimentos, assumindo posturas de semideuses, que deslumbram os fascinados e se tornam condutores dos grupos humanos.

Os Espíritos Nobres não têm qualquer interesse em revelações em torno de personalidades de ontem ou de hoje, evitando a abordagem em torno do que hajam sido, trabalhando em favor do presente, do qual se origina o futuro, que é a grande meta.

Não tem nenhum sentido a busca de informações em torno do passado espiritual, particularmente se se anela por haver sido rei ou príncipe, nobre ou burguês, sábio, guerreiro ilustre, papa ou outra qualquer personagem importante, que em algum momento esteve presente na História.

A Lei é de progresso, portanto, evidente que se é sempre melhor do que aquilo que se haja sido, não se devendo preocupar com cargos e homenagens do pretérito, agora mortos, e cuja evocação somente levaria à presunção, à ociosidade dourada ou à lamentação.

Outrossim, proliferam outras revelações trágicas em torno do fim dos tempos, das tragédias que irão ocorrer, como se não fossem elas do cotidiano, variando de expressão e de lugar, todas igualmente parte integrante do processo evolutivo de um planeta inferior, que avança para outro degrau na escala dos mundos.

O homem encontra-se reencarnado para aproveitar a oportunidade de reparação e aquisição de valores que lhe faltam na economia intelecto-moral, não para repetir experiências infelizes com novos fracassos ou para cultuar memórias extravagantes e fantasiosas, que em nada contribuem para a sua evolução. Cumpre, portanto, precatar-se todo aquele que se interesse pelo Espiritismo, com revelações incoseqüentes, estudando a Doutrina e praticando-a com segurança, lançando o pensamento para a frente e para cima, na certeza de que cada um é o que de si próprio faz. O fato de haver alguém vivido em área de destaque não significa ser Espírito feliz, antes comprometido com as graves responsabilidades que nem sempre soube honrar e que agora defronta para corrigir.

A meta que todos devemos perseguir é aquela que conduz à auto-realização, utilizando-nos do serviço de dignificação da vida e das criaturas em cujo grupo nos encontramos, encarnados ou não, porém, unidos no mesmo ideal de edificação de um mundo melhor para todos, longe do sofrimento, da ilusão, da ignorância, sempre responsável pelo mal que viceja em nós e nos retém na retaguarda de onde procedemos.

VIANNA DE CARVALHO

(Página recebida pelo médium Divaldo P. Franco, na reunião da noite de 14 de abril de 1996, em Quarteira, Portugal.)

Oração diante da injúria

Foste, ó Cristo, no mundo, o Servidor Sublime,
Perdão e caridade unguendo a Natureza,
Fizeste da bondade a eterna luz acesa,
Qual estrela em que o Céu se condensa e se exprime;

Ao teu halo de amor, a Terra se redime
E, entendimento alçado à Divina Grandeza,
Recuperas o fraco, extinguindo a fraqueza,
Salvas o criminoso e consumes o crime!...

Ante as farpas do mal, dá-nos paz e brandura,
Liberta-nos do ódio a alma pobre e insegura,
Rompe-nos os grilhões das heranças medievais...

E faze-nos sentir ao peito humilde e pasmo
Que mais vale gemer sob a cruz do sarcasmo
Que vencer e sorrir sob o aplauso das trevas!..

LOBO DA COSTA

(Do livro "Poetas Redivivos", por Diversos Espíritos, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, pág. 64, 3ª ed. FEB.)

Evolução e Entendimento

EVANDRO NOLETO BEZERRA

"Senhor Jesus! (...) Faze-nos observar, por misericórdia, que Deus não nos cria pelo sistema de produção em massa e que por isto mesmo cada qual de nós enxerga a vida e os processos da evolução de maneira diferente" Emmanuel. (Mensagem psicografada por F. C. Xavier, na Reunião do Conselho Federativo Nacional de Janeiro / 73 - REFORMADOR, de fev. / 73.)

Dentro da grandeza que lhe caracterizou as ações, Allan Kardec teve a humildade de admitir que não era detentor da verdade integral:

"Trazendo nossa pedra ao edifício, colocamo-nos nas fileiras. Não nos cabe ser juiz e parte e não alimentamos a ridícula pretensão de ser o único distribuidor da luz."¹ (Grifos nossos.)

Diante de enunciado tão claro, deveria causar surpresa a atitude de certos companheiros de ideal que, na tribuna ou fora dela, a pretexto de defenderem a pureza doutrinária, voltam-se contra irmãos de crença que pensam de maneira diferente da deles, geralmente em questões acessórias que de maneira alguma colidem com os pontos fundamentais da Doutrina Espírita. Esse zelo excessivo, aliás, foi a ruína da Igreja Romana, cuja herança lamentável não poderá ser absolvida "na balança da História, porque, ao lado dos poucos bens que espalhou está o peso esmagador das suas muitas iniquidades"²

Realmente, de que valeu a imposição dogmática do clericalismo? As catedrais européias, erigidas não se sabe ao peso de quanto sacrifício, são visitadas, hoje, por levadas de turistas indiferentes, máquinas filmadoras à mão, retratando os vestígios de um passado de glórias que se perdeu para sempre!

Tais reflexões nos trazem à lembrança as idéias contidas em admirável obra estudada e divulgada pela Federação Espírita Brasileira há mais de um século, juntamente com todas as que constituem o chamado *pentateuco kardequiano*. Muitos confrades não admitem certas verdades ali reveladas. Crer ou não crer no corpo fluídico de Jesus, por exemplo, é um direito que assiste a qualquer criatura. É uma questão de livre e inteira responsabilidade de todos nós, visto que "Deus não nos cria pelo sistema de produção em massa", razão pela qual "enxergamos a vida e os processos da evolução de maneira diferente".

Por que, então, não nos unirmos em torno daquilo que é essencial? Se não aceitamos esta ou aquela idéia, nada nos autoriza a "cerrar os punhos" contra aqueles que possuem entendimento diverso do nosso. Acreditamos, até, que todo esse *affaire* se resolveria de forma civilizada, pacífica e cristã, se refletíssemos um pouquinho mais acerca das sábias palavras de Gamaliel:

"Se esta obra é de homens, se desfará, mas, se é de Deus, não podereis desfazê-la, para que não aconteça serdes achados combatendo contra Deus."³

Em outras palavras, é completamente inútil o combate que movemos contra as idéias que não admitimos. A verdade é uma só e, um dia, raiará para todos, como o Sol que aquece e ilumina todos os quadrantes do Planeta. O que o Cristo espera de seus tutelados é a união de propósitos em torno do bem, é o trabalho incessante em favor de nossa iluminação individual, é a promoção intelectual, moral e espiritual de nossos irmãos em humanidade.

Façamos, pois, a parte que nos compete, a começar pelo exercício da tolerância e do respeito ante as opiniões alheias, de tal forma que os atos mais simples da nossa vida possam refletir as claridades que a Doutrina Espírita já projetou dentro dos nossos corações, recordando, ainda e sempre, nosso modelo e Mestre Jesus: "Os meus discípulos serão reconhecidos por muito se amarem."⁴ Fora disso, poderá haver intelectualismo, jamais sentimento de fraternidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. 62ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1996, Item 35, pág. 52.
2. XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*, 16ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1994, cap. III, pág. 34.
3. ATOS DOS APÓSTOLOS. Cap. VI, v. 38-39.
4. JOÃO. Cap. XIII, v.35.

Esflorando o Evangelho - EMMANUEL

DÁDIVAS ESPIRITUAIS

"E, descendo eles do monte, Jesus lhes ordenou, dizendo: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos." - (MATEUS, 17:9.)

Se o homem necessita de grande prudência nos atos da vida comum, maior vigilância se exige da criatura, no trato com a esfera espiritual.

É o próprio Mestre Divino quem no-lo exemplifica.

Tendo conduzido Tiago, Pedro e João às maravilhosas revelações do Tabor, onde se transfigurou ao olhar dos companheiros, junto de gloriosos emissários do plano superior, recomenda solícito: "A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem seja ressuscitado dos mortos."

O Mestre não determinou a mentira, entretanto, aconselhou se guardasse a verdade para ocasião oportuna.

Cada situação reclama certa cota de conhecimento.

Sabia Jesus que a narrativa prematura da sublime visão poderia despertar incompreensões e sarcasmos nas conversações vulgares e ociosas.

Não esqueçamos que todos nós estamos marchando para Deus, salientando-se, porém, que os caminhos não são os mesmos para todos.

Se guardas contigo preciosa experiência espiritual, indubitavelmente poderás usá-la, todos os dias, utilizando-a em doses apropriadas, a fim de auxiliares a cada um dos que te cercam, na posição particularizada em que se encontram; mas não barateies o que a esfera mais alta te concedeu, entregando a dádiva às incompreensões criminosas, porque tudo o que se conquista do Céu é realização intransferível.

(Do livro "Caminho, Verdade e Vida", psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, Capítulo 128, págs. 271 e 272, 16ª ed. FEB.)

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

DALVA SILVA SOUZA

O que estamos vendo em torno de nós? As manchetes dos jornais assustam. Embaixadas são incendiadas, terroristas agem em toda parte, tropas se confrontam em muitas terras, a economia se descontrola, circunstâncias imprevisíveis levam empresas sólidas à falência, sistemas e valores entram em colapso, instituições tradicionais como a Igreja e a Família são violentamente abaladas, teóricos pregam o fim da História. Não faltam as vozes pessimistas que apregoam o abismo, o caos, o fim do mundo.

Não podemos desconsiderar os perigos reais que nos cercam: desastres nucleares, o buraco na camada de ozônio, a quebra da cadeia biológica pela extinção de muitas espécies. Se a velocidade da destruição da natureza não se inverter, é possível que se atinja um ponto de ameaça à sobrevivência do homem na Terra. Ao lado dos problemas descritos, contudo, surgem evidências da emergência de novos potenciais bem no meio da destruição e da decadência: a descoberta de fontes alternativas de energia menos danosa ao meio ambiente; o estabelecimento de novas relações geopolíticas; a expansão dos meios de comunicação; a instalação de novos métodos de manufatura, com máquinas realizando o trabalho mecânico e alienante; a estruturação de novas formas de relacionamento familiar, novas idéias, novas classificações, novos conceitos. Os velhos modos de pensar, as fórmulas antigas e antigas ideologias, por mais úteis que tenham sido às sociedades do passado, não mais se adaptam aos fatos atuais.

Se olharmos o momento em que vivemos sob a ótica da revelação espírita, teremos motivos para desafiar o pessimismo que prevalece atualmente e concluiremos que o desespero e a desesperança são atitudes injustificadas. Segundo os Espíritos, são inúmeros os mundos habitados no Universo e podemos distribuí-los nas seguintes classificações: **primitivos, de expiação e provas, de regeneração, ditosos, celestes ou divinos.**¹

A Terra pertence à categoria dos mundos de **expiação e provas**, mas deverá, no próximo milênio, passar para a classe dos mundos **de regeneração**. A vida nestes últimos não é acentuadamente diferente da que conhecemos, uma vez que os habitantes deles estão ainda sujeitos às leis que regem a matéria e experimentam como nós sensações e desejos, o que impede a vivência da perfeita felicidade. Mas, entre eles, o egoísmo e o orgulho não têm a predominância que observamos aqui e isso gera equidade nas relações sociais e, conseqüentemente, uma vida mais amena e tranqüila.

A transição de uma categoria de mundo para a outra não se processa sem abalos. Há um momento em que o antigo e o novo se confrontam, estabelecendo a desordem e uma aparência de caos. Estamos vivendo esse momento e precisamos saber o que faz parte do antigo e o que constitui o novo, para podermos colaborar decisivamente na construção da realidade nova com que sonhamos. Para ter esse discernimento, precisamos de muita atenção e cuidadosa observação, já que muitas coisas apresentadas como inovadoras podem ser disfarces de um passado que se recusa a ceder lugar ao que é verdadeiramente renovador.

A sociedade do mundo de regeneração já está, pois, emergindo em nossas vidas. Ela traz consigo novos estilos de família, novos modos de trabalhar, de amar e de viver, uma nova economia; novos conflitos políticos; uma consciência renovada. Muitas pessoas já conseguem assimilar o novo ritmo enquanto que outras, temerosas diante do desconhecido, agarram-se ao passado e tentam reestruturar modelos antigos.

Como espíritas, somos chamados a contribuir para a construção dessa nova sociedade. Aceitar ou não o chamamento depende exclusivamente de nós, da consciência que tenhamos do momento que estamos vivendo e da importância da nossa contribuição, como também da quantidade de energia que estejamos dispostos a investir no trabalho necessário.

É preciso começar pela percepção de que toda sociedade tem regras e princípios que permeiam suas atividades. Se essas regras e princípios se apoiarem no respeito às leis divinas, a

sociedade tenderá a corresponder aos anseios naturais do homem, resultando em uma estrutura que propiciará o crescimento de todos. Caso contrário, ao desrespeitar as leis naturais, as instituições sociais passam a reprimir o homem, criam privilégios e exceções, geram a violência e inibem o verdadeiro progresso. Cabe-nos, quando nos dispomos ao trabalho de contribuir para a construção de uma nova sociedade, buscar o conhecimento das leis naturais e refletir sobre a sociedade em que vivemos, sobre a nossa posição nessa sociedade e sobre a ação que precisamos empreender.

Além disso, precisamos estar cientes de que o conjunto formado pela sociedade gera limites à atuação individual. Como ensinou John Lock:

"E, assim, cada indivíduo, ao consentir com os outros em formar um corpo político com um governo, coloca-se a si próprio sob a obrigação em relação a todos os outros membros dessa sociedade de se submeter à determinação da maioria e de aceitar suas decisões. Caso contrário, esse pacto original, pelo qual ele e os outros formam uma sociedade, não significaria nada, e não seria um pacto se ele permanecesse tão livre e tão sem obrigações quanto quando se encontrava no estado de Natureza.²

Respeitar o pacto que está em vigor, agindo para que o esclarecimento traga ao conjunto a possibilidade de novas determinações e, por conseguinte, de estabelecimento de alterações à vida do conjunto, eis o que se pode propor.

Fica claro então que o projeto de uma organização social que respeite as leis naturais deve realizar-se primeiramente pela educação dos indivíduos que compõem essa coletividade. Kardec aponta esse fato quando, ao analisar as aristocracias, afirma que o progresso pode determinar a redução considerável do comportamento vicioso, fazendo com que ele seja uma exceção, à medida que cada homem se eduque.³ Em vários pontos dos ensinamentos espíritas, percebemos esse cuidado em destacar o caráter individualizante da proposta educadora da Doutrina. Não há, pois, a intenção de se criar um movimento à semelhança dos sistemas religiosos, que já se estabeleceram na Terra com base no Cristianismo, que atuavam pela criação de um padrão de comportamento e imposição dogmática desse padrão aos adeptos, forçando-os a uma atitude de religiosidade apenas aparente, que não resistia à pressão dos impulsos ainda existentes na intimidade dessas criaturas. A História mostra que a hipocrisia institucionalizada foi o resultado dessa ação.

A ação espírita será a de difusão do conhecimento, para que o desenvolvimento de uma nova forma de entender a vida possa criar uma nova maneira de estar no mundo. O progresso do conjunto resultará do crescimento de cada um. "(...)a vulgarização universal do Espiritismo dará em resultado, necessariamente, uma elevação sensível do nível moral da atualidade."⁴

Se queremos atuar verdadeiramente, auxiliando o advento do Mundo de Regeneração, trabalhemos pela divulgação das idéias espíritas, corrigindo as distorções no rumo do movimento que abraçamos, a fim de que os condicionamentos adquiridos em outros arraiais religiosos não venham a contaminar nossa ação, pela intromissão de atitudes dogmáticas e intolerantes. Não nos cabe julgar o companheiro que está ao nosso lado, nem limitar as suas possibilidades de escolha livre dos seus caminhos, mas sim ajudá-lo a encontrar, na luz do esclarecimento espírita, as razões das suas mazelas de hoje, a fim de que possa construir sua própria felicidade futura. Ao mesmo tempo, cabe-nos desafiar o pensamento pessimista desta época, mantendo o coração cheio de esperança e fé e a mente aberta para o aprendizado novo. Isso significa que precisamos educar-nos pelo esforço do autoconhecimento e pelo desenvolvimento de um projeto consistente de reformulação interior. Tudo isso irá refletir-se beneficentemente no conjunto em que estamos inseridos, melhorando as relações dentro da família e da coletividade. Reconheçamos com Emmanuel que **"(...) ninguém é tão indigente que não possa concorrer para o progresso comum e tomemos com firmeza o lugar que nos compete no edifício da harmonia geral, distribuindo fragmentos de nós mesmos, no culto da fraternidade bem vivida"**.

1. KARDEC, Allan. "O Evangelho segundo o Espiritismo". 112ª ed. Rio de Janeiro: FEB, cap. III.

2. REZENDE, Antônio. "Curso de Filosofia". 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda 1986, cap.6.

3. KARDEC, Allan. "Obras Póstumas". 26ª ed. Rio de Janeiro, FEB. 1978. *As Aristocracias*.

4. Idem, *ibidem*.

As lições de um pássaro

CARLOS AUGUSTO ABRANCHES

Quem já não ouviu, pelo menos uma vez, a música do sabiá que fugiu da gaiola e deixou a menina chorando de saudade?! Pois é, em canções singelas como essa podemos encontrar saudáveis lições evangélicas. Para tanto, é preciso o esforço de buscar o espírito da letra, a fim de encontrar-se com a alma da mensagem.

Os versos dizem que o pássaro fez um buraco na gaiola e voou até o abacateiro. A menina, que gostava tanto do bichinho, chorou até fazer-lhe um pedido: "Vem cá, sabiá, vem cá".

Sentindo que a garota implorava sua presença, o sabiá responde do alto da árvore: "Não chore que eu vou voltar". Fica-nos a dúvida, porém, se ele aceitou retomar para a gaiola ou se resolveu expressar seu amor pela criança, mas em liberdade.

Este é o dilema de muitos dos homens, quando se vêem convidados ao vôo da libertação, mas preferem permanecer próximos à gaiola dos limites, sem coragem de verificar a força e a resistência das asas. Fosse o afeto sincero a razão da permanência, como no caso do pássaro e da menina, a questão estaria resolvida. O problema, no entanto, é outro, de trabalhosa solução e de efeitos danosos para o equilíbrio do homem.

As religiões tradicionais, comprometidas com os padrões severos dos dogmas e rituais seculares, trabalharam regras e normas contundentes na consciência multimilenar do espírito imortal. Valores morais e linhas de conduta previamente determinados definiam o comportamento do homem religioso, e infeliz daquele que ousasse viver de forma diferente.

Cada um construiu, dessa maneira, o solo íntimo onde passou a solidificar convicções e crenças, opiniões e atitudes. O estudioso que procura o entendimento correto do assunto precisa, portanto, considerar os componentes desse alicerce espiritual e também conhecer as próprias bases onde as religiões se estabeleceram.

Diante da grandeza universal e das virtudes do Criador, por exemplo, inculcou-se no coração do fiel a noção do Deus *temor*, aquele a quem todos deveriam respeitar como a um pai severo, que tem o poder de punir e definir os caminhos da felicidade ou do sofrimento eternos.

Perante a fé, nada de questionamentos esclarecedores. Que o homem não perca tempo duvidando das coisas que não vê, e sim creia, ainda que cegamente.

Diante do sexo, revelado como força demoníaca que arrasta o praticante aos reinos infernais, é imposta a obrigatoriedade moral da abstinência, ou tão-somente o tipo de relacionamento que tenha como objetivo a geração de filhos.

Séculos e séculos se passaram. O homem, herdeiro das próprias experiências trazidas do passado, vê repetir-se, a cada encarnação, o reforço dos mesmos valores tradicionais conhecidos anteriormente. De tão consolidados, passam a definir posturas e decisões, e a traçar no psiquismo profundo dos indivíduos os rumos das vivências futuras.

Surge, porém, no horizonte das reflexões ético-morais uma nova Doutrina, que traz informações inéditas sobre a realidade espiritual. Temas como pluralidade dos mundos habitados, comunicabilidade dos Espíritos com os homens, imortalidade da alma, reencarnação e a confirmação lógica da existência de Deus indicam a chegada de uma revolução no âmbito religioso da Humanidade.

O Espiritismo comparece, a partir da metade do século XIX, para trazer Jesus de volta aos corações humanos. A simplicidade dos primeiros tempos cristãos retorna através da análise cristalina dos conceitos evangélicos, destituídos da vestidura dogmática a que se viram forçados por tanto tempo.

Em face do Deus *temor*, a nova orientação sugere que o homem descubra, em si mesmo e na vida que o rodeia, a verdade real da existência do Deus *Amor*, que ama seus filhos e lhes oferece a bênção da renovação das oportunidades existenciais, a fim de que aprendam as lições da fraternidade e do trabalho no bem.

A fé ganha a companhia inseparável da razão. Junto à capacidade de discernir, o ato de crer torna-se praticável na concretude da existência, e o raciocínio, harmonizado com a emoção, eleva-se ao espiritualizar os questionamentos que caracterizam as dúvidas sadias.

Considerando as energias sexuais, o homem, em lugar de reprimir-se, é chamado a educar as próprias forças, direcionando o calor de seu afeto não só para a procriação, mas também para a expansão de formas sublimadas do sentimento.

Diante desse quadro, seria possível supor que os irmãos de ideal, emocionados pela visão libertadora proporcionada pela Doutrina, agissem como o pássaro, que encontrou uma brecha na cela pequenina e buscou novas alturas.

O que temos visto, no entanto, em parcela considerável da família espírita, é algo diferente dessa proposta. Quantos pais tentam resolver as diferenças com os filhos aproveitando-se de posturas autoritárias, recurso comum aos que, no passado, conquistavam vantagens na base da força, quando o Espiritismo sugere a alternativa da autoridade moral, de teor pacífico e conciliatório.

No campo da educação sexual, quantos instrutores (espíritas) vestem as palavras (supostamente de conteúdo doutrinário), com o teor pesado da vibração repressiva, a indicar que nem eles conseguiram respostas satisfatórias para as próprias questões pessoais.

Com a oportunidade de reeducar as gerações novas perante a idéia antiga e equivocada de céu e inferno (apresentados como espaços definidos na obra da criação divina), quantos preferem manter os educandos sob o controle do medo e da ameaça, tentando transferir a idéia punitiva da visão anterior para a formatação espírita do conceito, chamando *umbral* às regiões infernais da definição católica, local tenebroso para onde vão todos os que ousarem contrariar as normas preditas pela nova conduta.

A conclusão de quem observa esse quadro é a de que os homens que assim agem tiveram a sagrada oportunidade de enxergar a beleza da mensagem espírita, mas ainda estão com os pés chumbados na base dos valores seculares, que traçam o perfil do homem velho. Olhos e razão atentos à mensagem renovadora, mas corpo e emoção algemados à cela das convicções difíceis de ser substituídas.

É com reconhecida razão que os Espíritos Instrutores orientam, acerca da transformação individual, que para mudar conceitos não basta apenas descobrir novos, mas sobretudo mergulhar integralmente na vivência deles, para que não apenas os olhos, mas também o coração e os pés se fundamentem em novas bases, com forças suficientes para despertar o homem que receia o vôo da libertação.

Breve adeus a Kardec

MÁRIO FRIGÉRI

"- Para ti, chamar-me-ei A Verdade e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, estarei à tua disposição."

O Espírito Verdade *

Mil oitocentos e sessenta e nove,
Trinta e um de março... Data que comove
E faz vibrar milhões de corações
De gratidão em todas as nações!

Lembram Kardec... o Homem-Monumento,
Em cujo olhar fulgia o pensamento;
A sua fé foi qual muro de aço,
Das que transportam montanhas no espaço.

Somente a sua excelsa inteligência
Podia unir moral, amor e ciência
E, como orvalho em luz, os rorejar
Sobre os que querem conhecer e amar.

Da solidez de suas convicções
Nasceu a luz sagrada das nações,
Sob a invisível égide superior
Do Espírito Verdade - seu Mentor.

Entre onze e doze horas... Por sinal,
Ao preparar mudança de local,
Kardec estava em sua árdua lida,
Quando, curvando-se, tombou sem vida.

(Devido à forte têmpera que tinha,
Gastou a lâmina a mortal bainha...)
Mas só tombou o corpo, que é matéria:
A alma alou-se à vastidão sidérea

E nos deixou por um mundo melhor...
Foi receber a aprovação maior
E coletar mais luz na Eternidade,
Para voltar em breve à Humanidade.

Ah! Mestre amado, eras sozinho então!...
Mas doravante seremos legião -
Milhões a vivenciar teu Ideal!

Volvam, embalde, os séculos, lentamente...
Tu viverás em nós eternamente,
Na imensidão da Vida Universal!

* KARDEC. *Allan Obras Póstumas*. 26ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1993. p. 274.

A FEB e o Esperanto

MANIFESTO DE PRAGA

(Do Movimento em favor da língua internacional Esperanto)

O documento que abaixo transcrevemos, em tradução, foi emitido no quadro das realizações do 81º Congresso Universal de Esperanto, em Praga, República Tcheca, 1996. É um magistral resumo dos princípios e objetivos do movimento esperantista organizado, em perfeita consonância com os ideais lançados pelo fundador da causa, Lázaro Luís Zamenhof.

Todos os que se dedicam ao estudo e à divulgação da Língua Internacional Neutra devem lê-lo, estudá-lo, debatê-lo, com vistas a adquirirem profunda conscientização sobre o assunto e, conseqüentemente, melhor direcionarem seus talentos e esforços na perseguição e concretização dos objetivos da causa a que servem.

O texto original em Esperanto se encontra no número de setembro / 1996 da revista *Esperanto*, órgão oficial da Associação Universal de Esperanto (Rotterdam).

"Nós, membros do movimento mundial pelo incremento do Esperanto, **dirigimos** este manifesto a todos os governos, organizações internacionais e homens de boa vontade, **declaramos** nossa intenção de, com vontade firme, prosseguir no trabalho em favor dos objetivos aqui expressos, e **convidamos** cada indivíduo, cada organização a aderirem ao nosso empenho.

Lançada em 1887, como um projeto de língua auxiliar para a comunicação internacional, e, tendo evoluído na direção de uma língua com plena vitalidade e riqueza de nuances, o Esperanto já há mais de um século funciona no sentido de reunir os homens acima das barreiras lingüísticas e culturais. Nesse período, os objetivos daqueles que o falam não perderam importância nem atualidade. É certo que nem o uso mundial de algumas línguas nacionais, nem os progressos na tecnologia da comunicação, nem as descobertas de novos métodos para o ensino de línguas concretizarão os seguintes princípios, por nós considerados essenciais para uma ordem lingüística justa e eficiente:

1. **Democracia.** Um sistema de comunicações que tão flagrantemente privilegia alguns indivíduos, exigindo que outros invistam anos seguidos em esforços que só lhes possibilitam atingir um grau inferior de capacidade, é fundamentalmente antidemocrático.

Afirmamos que a desigualdade lingüística acarreta a desigualdade de comunicação em todos os níveis, inclusive o internacional. Somos um movimento pela comunicação democrática.

2. **Educação transnacional.** Toda língua étnica está ligada a uma cultura definida e a uma nação ou conjunto de nações. Por exemplo, o colegial que estuda o inglês aprende a respeito da cultura, da geografia e da política dos países anglófonos, principalmente os Estados Unidos e a Inglaterra. O colegial que estuda o Esperanto aprende sobre o mundo sem fronteiras, no qual cada país se apresenta como um lar.

Afirmamos que a educação por intermédio de qualquer língua étnica está ligada a uma certa perspectiva a respeito do mundo. Somos um movimento pela educação transnacional.

3. **Eficácia pedagógica.** Dentre os que estudam uma língua estrangeira só uma pequena porcentagem a domina. A posse completa do Esperanto é possível até mesmo por intermédio do estudo sem mestre. Diversos estudos relatam seus efeitos propedêuticos na aprendizagem de outras línguas. O Esperanto também é recomendado como elemento essencial em cursos para a conscientização lingüística de alunos.

Afirmamos que a dificuldade das línguas étnicas sempre se levantará como um obstáculo para muitos alunos, os quais, todavia, se beneficiariam com o conhecimento de uma segunda língua. Somos um movimento por um ensino de línguas eficiente.

4. **Multilingüismo.** A comunidade esperantista é uma das poucas comunidades lingüísticas de âmbito mundial cujos membros são, sem exceção, bilíngües ou multilíngües. Cada um deles aceitou a tarefa de aprender pelo menos uma língua estrangeira até ao nível do uso oral. Em muitos casos isso leva ao conhecimento e ao apreço de muitas línguas e, geralmente, a um mais vasto horizonte pessoal.

Afirmamos que os falantes de todas as línguas, grandes ou pequenas, devem dispor de uma chance concreta para possuírem uma segunda língua até um alto nível de comunicação. Somos um movimento pela oferta dessa chance.

5. **Direitos lingüísticos.** A desigual divisão do poder entre as línguas é a receita para uma permanente insegurança ou manifesta opressão lingüística em grande parte da população mundial.

Na comunidade esperantista, os falantes das grandes ou pequenas línguas, oficiais ou não-oficiais, reúnem-se num terreno neutro graças a um recíproco desejo de entendimento. Tal equilíbrio entre os direitos e as responsabilidades lingüísticas abre um precedente para avaliar e fazer evoluir outras soluções para a desigualdade lingüística e os conflitos dela resultantes.

Afirmamos que as amplas diferenças de poder entre as línguas minam as garantias, expressas em tantos documentos internacionais, de um tratamento igualitário independentemente da língua que se fale. Somos um movimento pelos direitos lingüísticos.

6. **Diversidade lingüística.** Os governos das nações inclinam-se a considerar a grande diversidade de línguas no mundo como um obstáculo à comunicação e ao progresso. Para a comunidade esperantista, todavia, a diversidade lingüística se mostra como uma constante e indispensável fonte de riqueza. Conseqüentemente, cada língua assim como cada espécie vivente vale por si mesma e é, por isso digna de proteção e apoio.

Afirmamos que a política de comunicação e de progresso, sem estar baseada no respeito e no apoio a todas as línguas, condena à extinção a maioria das línguas do mundo. Somos um movimento pela diversidade lingüística.

7. **Emancipação humana.** Toda língua liberta e aprisiona os seus falantes, dando-lhes o poder de se comunicar entre si, ao mesmo tempo em que lhes impede a comunicação com os outros. Planejada como um instrumento universal de comunicação, o Esperanto é um dos grandes projetos de emancipação humana em funcionamento - projeto destinado a possibilitar que cada homem participe individualmente na comunidade mundial, mantendo firmes as raízes de sua identidade local, lingüística e cultural, sem todavia estar por elas limitado.

Afirmamos que o uso exclusivo de línguas nacionais inevitavelmente cria barreiras às liberdades de auto-expressão, comunicação e associação. Somos um movimento pela emancipação humana."

A MEMÓRIA, O PADRE E O ESPERANTO...

A. M. SANTOS

Faz muito tempo, talvez setenta anos, ou até um pouco mais, no entanto, aquela cena não saiu de minha memória. Desde então aprendi a ser esperantista para todo o sempre...

Menino ainda estava na sala de aulas da modesta escola de Laranjeiras, no interior de Sergipe, cidade histórica fundada nos anos de 1560 uma das mais velhas do Brasil, berço de tantos brasileiros notáveis, como, por exemplo, Francisco Bittencourt Sampaio, João Ribeiro, Horácio Hora.

Nossa professora não aparece ainda na galeria dos pioneiros da moderna pedagogia, mas um dia há de ter os seus méritos reconhecidos e exaltados, embora jamais tivesse ido a Yverdun, freqüentar o templo de Pestalozzi, na Suíça. Era a Professora Zizinha Guimarães. Seus alunos aprendiam, além das matérias do programa do curso primário, música e canto, dança, folclore, artesanato, moral e cívica, etiqueta e Esperanto. Praticavam ginástica. As moças aprendiam ainda bordado, tecelagem, culinária, economia doméstica.

Um dia, pela manhã, apareceu na sala de aulas um padre alemão... Alto, forte, corado, simpático, alegre. A professora tentou um diálogo em francês e inglês. Mas em vão. O padre sorria, fazia muita mímica, mas não se comunicava. Toda a classe acompanhava a cena com a maior curiosidade. O padre deu uns passos para acariciar as cabecinhas das crianças. E foi bom. Viu sobre a estante da biblioteca da escola, na outra sala, a nossa bela estrela verde, esculpida em madeira e muito bem pintada. Avançou, apanhou a estrela e indagou em voz alta, que dizia bem da sua expectativa:

- Fraulino, eu Vi parolas Esperanton? (Senhorita, Você fala Esperanto?)

Ficou espantado, naturalmente, quando ouviu a classe inteira responder em coro:

- Jes, ni parolas Esperanton! (Sim, falamos Esperanto!)

O padre gritou mais alto ainda:

- Dank' al Dio! (Graças a Deus!)

A aula acabou de uma vez. O padre visitou a escola, conheceu a horta, as oficinas, levado por aquele alegre bando de cicerones. Depois, percorreu as ruas principais de Laranjeiras até a igreja-matriz, onde se apresentou ao vigário. Antes do almoço ele se despediu. Precisava prosseguir viagem para Recife, com escalas em Propriá, Penedo, Maceió. Naquele tempo as rodovias eram estradas de terra não-batida e uma viagem como aquela demandaria talvez várias semanas.

No dia seguinte a Professora Zizinha Guimarães recordou a visita do padre, dizendo que fora um presente do céu para que jamais nos esquecêssemos do Esperanto e de Zamenhof.

- O padre alemão também não vai esquecer da gente... -exclamei.

- Alemão, não! Sueco!

- É a mesma coisa, professora!

- Não senhor! Para aprender você vai fazer banca durante a tarde... Banca de geografia e de Esperanto!

E fiquei, de fato, estudando com uma explicadora as capitais dos países da Europa e boa parte da gramática do Esperanto. Por isso, desde então aprendi a ser esperantista para todo o sempre...

(Do livro "Esperanto", editado pela Spirita Eldona Societo F.V. Lorenz. - Premiado em concurso literário de 1994.)

REFORMADOR DE ONTEM, ENSINAMENTO PARA HOJE!**Um judicioso, um filósofo, um sábio:****ALLAN KARDEC****HUBERT FORESTIER**

Relia, ainda há poucos dias, no exemplar que possuo - rubricado por seu próprio punho e que traz amável dedicatória ao seu amigo Jean Meyer, assim datada: "1869-1919, meio século" -, o discurso que o ilustre astrônomo Camilo Flammarion pronunciara com o fervor da amizade, diante dos despojos mortais do eminente homem que foi Allan Kardec, fundador da doutrina espírita e de "La Revue Spirite", revista esta que foi, aliás, filha mui querida de seu pensamento e de seu coração.

O costume que vem sendo observado, desde a memorável data de 31 de Março de 1869, no tocante às peregrinações anuais ao túmulo do Mestre, no cemitério de Père-Lachaise, em Paris, permitirá a nós, os espíritas, reunirmo-nos mais uma vez, e, como sempre, em grande número, no domingo mais próximo de 31 de Março, a fim de expressarmos à alma imortal do autor d' "O Livro dos Espíritos" o nosso pensamento fiel e reconhecido.

Quantos corações foram realmente consolados, através de sua doutrina! Quantas lágrimas foram enxugadas! Quantas consciências se abriram aos raios da beleza espiritual! Camilo Flammarion, salientando em seu discurso de "Até à vista" os benefícios espalhados pelo Espiritismo, analisou as dores por que passa a alma, desde as afeições despedaçadas pela morte, até as inúmeras provações que nos acrisolam os sentimentos e as vontades. Graças às certezas acalentadoras que o Espiritismo trouxe à inquietude e à angústia humanas, incalculável é o número dos que, sob todos os céus da Terra, foram salvos moralmente e fisicamente.

Não será exagero nosso afirmar o que já foi por tantos outros proclamado, isto é, que o Mestre foi um benfeitor da Humanidade. Possuía ele, em alto grau, as qualidades que propiciam a intuição da verdade, e, além disso, sua sábia formação lhe permitia, na observação e na investigação espírita, dar testemunho daquele espírito científico que sempre lhe norteou os estudos no curso de sua fecunda existência.

"A atitude assumida por Allan Kardec - escreveu o professor Henri Brun -, em presença do fato e do ensinamento espírita, antes e depois da sua convicção firmada, é tudo quanto pode haver de mais significativo e de mais exemplar." Céptico a princípio, sistematicamente nada recusava admitir; uma vez convencido, porém, jamais permitia que se cresse cegamente. Absteve-se de afirmar *a priori*, da mesma maneira que, também *a priori*, evitou negar. Nem incredulidade preconcebida, nem credulidade gratuita.

A dúvida, a dúvida provisória é a atitude científica por excelência, aconselhada pelos sábios e filósofos verdadeiramente dignos desse nome, e recomendada pelos grandes metodologistas da Ciência e da Filosofia, de Descartes a Claude Bernard. "Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos juízos, o argumento sem réplica"; diz, na Introdução d' "O Livro dos Espíritos", o próprio Allan Kardec. "Na ausência dos fatos, a dúvida se justifica no homem ponderado."

Se a princípio Kardec se absteve de pronunciar-se, foi para que depois o pudesse fazer com ponderação, de maneira categórica, com todo o conhecimento de causa. Após os fatos lhe falarem de perto e sua razão os compreender, desde logo sua consciência não vacilou em aceitá-los e proclamá-los abertamente. Ele não se preocupava com a opinião alheia e tinha coragem de dar a conhecer a sua opinião própria. Em urna palavra, foi o homem da verdade, ao mesmo tempo judicioso, filósofo e sábio.

Allan Kardec, ao estabelecer as regras práticas da ciência espírita, formulou em seus livros os princípios da doutrina dos Espíritos. Sabemos, desde 1858, através da experiência, que nossos mortos amados, no silêncio que envolve sua partida, não estão perdidos para nós, sabemos que eles se mostram atentos e compassivos diante de nossas angústias, esclarecendo nossas inquietudes.

Quanta consolação suprema e reconfortante nos oferece esta certeza que decorre da observação, cuja prova o Espiritismo faculta aos que dele se aproximam!

Os mais eminentes sábios trouxeram ao Espiritismo o seu testemunho, e, se não nos é possível citar aqui os seus nomes - a lista seria demasiado longa -, lembrarei a opinião do célebre naturalista inglês Alfredo Russel Wallace, que de materialista convicto se tornou fervoroso adepto da ciência da alma.

"O Espiritismo, disse Alfredo Russel Wallace, demonstra haver outras formas da matéria e outro modo de existência que são inaceitáveis quando colocados sob o ponto de vista da mais estrita ciência física. Ele nos mostra que o espírito pode existir sem cérebro, independente de qualquer substância material ponderável; destrói o preconceito do aniquilamento da existência após a desorganização e a destruição do corpo físico; demonstra, através de provas diretas, tão concludentes quanto o permite a natureza do caso, que os supostos mortos ainda estão vivos, que esses nossos amigos muitas vezes se acham conosco, apesar de invisíveis. São estes mesmos que nos dão a certeza manifesta da vida futura, pela qual tantas criaturas ardentemente anseiam, pois que, em lhes faltando essa certeza, viveriam e morreriam em aflição."

O Espiritismo, jamais deixaremos de afirmá-lo, traz à fé vacilante o argumento positivo da experimentação. Todavia, conforme escreveu aquele a quem devo minha formação experimental, o inesquecível e modesto Dr. Gustavo Geley, "o Espiritismo difere das religiões, pela ausência completa de misticismo, não invocando revelações e muito menos o sobrenatural. Ele só admite os fatos experimentais, com as deduções que eles mesmos comportam". É em nome da Ciência, a despeito dos anátemas dos adversários de todas as classes, que o Espiritismo pretende fornecer a chave dos grandes problemas.

Pela experimentação e pelas declarações daqueles que nos precederam nesse outro lado do véu, chega-se à conclusão de que existe uma lei de responsabilidade individual e coletiva, e que o Espiritismo, entre outros benefícios, nos faz ter a certeza de que de forma alguma se perderão as nossas inquietudes, as nossas dores, os nossos esforços, as nossas lágrimas e que, além disso, após sucumbir algum infeliz que pecara, poderá ele, através de novas experiências nesta terra ou em outras, reparar seu erro e adquirir, por sua própria vontade, as qualidades e as virtudes que o farão engrandecer e elevar-se intelectual e moralmente.

Assim, segundo a Justiça Infinita, participamos da obra grandiosa do Universo; pelos nossos esforços individuais devemos ampliar continuamente o campo de nossa consciência e de nossos conhecimentos, a fim de alcançarmos a verdadeira felicidade, que deve ser, na compreensão e no amor espiritual, a recompensa última de todos os Seres.

Mergulhados nos ensinamentos do Mestre Allan Kardec, ouvimos, vindas das fronteiras das sombras, da gelidez dos túmulos, as vozes amadas de nossos antecessores e de nossos mais caros amigos. Tornemo-nos atentos e, imediatamente, essas vozes inesquecíveis soarão mais próximas de nós, mais nítidas, mais comovedoras. Se tudo em nosso derredor é inquietação e desordem, unamo-nos, pelo coração e pelo pensamento, a esses que nos deixaram, cujo afeto engrandecido e purificado há de se manifestar nas horas de aflição, oferecendo-se para aliviarem o fardo de nossos tormentos humanos.

(Transcrito de REFORMADOR, de março de 1952.)

O bombeiro espírita

MARCELO PAES BARRETO

A função primordial do Corpo de Bombeiros - que para isso deve se equipar e se preparar - é apagar incêndios, salvar vidas e prevenir tragédias.

E para o cumprimento desse dever, os seus esforçados integrantes estudam e treinam teorias e técnicas durante muitas e muitas horas, buscando a segurança e a eficiência para os momentos do efetivo serviço.

São preparados, portanto, não para *provocar o fogo*, mas para o *eliminar* em qualquer momento, motivo pelo qual ESTÃO SEMPRE ALERTAS!!!

Façamos um paralelo com a obra do Cristo.

Ele veio ao mundo terreno para colaborar na formação de *equipes de salvamento*, especializadas em apaziguar os conflitos do mundo, propiciando uma nova etapa de serenidade, paz e felicidade.

Daí, podermos fazer ligação pedagógica e didática com os *trabalhadores da última hora*, os quais, embasados no próprio esforço e perseverança, reformam-se, para depois prestarem socorro aos seus semelhantes, nos dois mundos - espiritual e corpóreo.

Mas um soldado-bombeiro relaxado e despreparado não conseguirá cumprir a sublime tarefa que lhe cabe.

O mesmo ocorre com o *soldado* do serviço cristão, que, inadvertidamente, não se instrui, não se educa e não se reforma. Na hora dos incêndios, por pequenos que sejam, não consegue apagá-los, e muitas vezes, por ineficiência, alimenta o fogo, aumentando a catástrofe.

Fiquemos, portanto, em constante ALERTA e PRONTIDÃO, como bons, eficientes e entusiasmados *soldados*, prontos para apaziguar o próprio MUNDO ÍNTIMO, e o daqueles que estão à nossa volta, colaborando, assim, eficazmente, para novas eras de harmonia e paz.

Sejamos, então, os integrantes competentes do Corpo de Bombeiros da obra da Verdade, trazida pelo Cristo e revivida pela Doutrina dos Espíritos Superiores.

LIVRARIA ESPÍRITA DA FEB NO SEU CENTENÁRIO

ZÊUS WANTUIL

Comemora-se este ano o primeiro centenário da Livraria Espírita da Federação Espírita Brasileira, fundada em 31 de março de 1897¹, no Rio de Janeiro, data em que era Presidente da Casa o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes.

Segundo o "Esboço Histórico da Federação Espírita Brasileira", publicação dada à luz em 1912, a Livraria da FEB teve como ponto de partida uma doação em dinheiro feita por Augusto Elias da Silva, acompanhada de uma coleção de muitos exemplares das obras fundamentais codificadas, por Allan Kardec, as quais constituíram o objeto do primeiro comércio da Livraria.

Em 15-11-1898, Elias da Silva se une a abnegados companheiros da Casa de Ismael e juntos contribuem com uma considerável quantia para consolidar e desenvolver a Livraria. Nessa época, já se pensava, quando houvesse suficientes rendimentos da Livraria, em aplicá-los na compra de um prédio próprio para a FEB, no qual esta se instalasse condignamente, o que só viria a acontecer em 10 de dezembro de 1911.

É preciso esclarecer que desde 1893 vendiam-se livros espíritas na sede da Federação, mas só em 1897 ficou organizada a Livraria propriamente dita.²

Em 15 de novembro de 1897, P.-G. Leymarie, administrador e liquidatário da Sociedade de Livraria Espírita, de Paris, concedeu à FEB, então representada pelo Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, os direitos exclusivos para a tradução em língua portuguesa, no Brasil e em Portugal, das obras de Allan Kardec e tudo o que contém os quarenta volumes da *Revue Spirite*.

A Livraria Espírita da FEB funcionou inicialmente à rua da Alfândega n° 330 (antigo 342), onde a Casa de Ismael teve a sua sede, de 1891 a 1899. Transferiu-se posteriormente para as novas sedes da Federação: rua do Rosário, 141 - 1° a. (1899); rua do Rosário, 97 (depois, 133) (1903); Avenida Passos, 28 e 30 (1911), onde permanece até os dias de hoje.

Importa, porém, destacar que a referida Livraria, num curto período de sua vida, 1909, 1910 e parte de 1911, instalou-se em edifício à parte, que não o da sede da Federação, como na rua da Assembléia, 95 e na rua do Ouvidor, 146, "mudança que o desejo de desenvolvê-la havia sugerido". Essa experiência não foi feliz; ao contrário, foi prejudicial, o que levou a Diretoria, em março de 1911, a reintegrar a Livraria na sede da FEB, então à rua do Rosário, 133 - 1° andar.

O prédio da Avenida Passos, 28 e 30, inaugurado pelo Presidente Leopoldo Cirne em dezembro de 1911, tinha e tem o pavimento térreo, o primeiro e o segundo andares. E no primeiro andar, numa de suas salas, que na época ficou então instalada a Livraria, num ambiente meio acanhado. Posteriormente, em 1916, seria transferida para a loja 28, mas o espaço ainda assim era insuficiente para as suas atividades.

Em 1924, procedeu-se à compra do prédio n° 32, contíguo ao edifício da sede social, e, segundo o relatório do Administrador Antônio Alves da Fonseca, relativo ao exercício de 1924, a Livraria passou a funcionar na loja 30.

Jean Meyer, em 1925, concedeu à Livraria da FEB a representação para o Brasil da venda da *Revue Spirite*, a conhecida revista fundada por Allan Kardec.

A Livraria foi, por muitos anos, dirigida por Administradores nomeados pela Diretoria, responsáveis não só pela venda dos livros, que também pela editoração de obras espíritas, preparadas e impressas, por conta dela ou da própria Federação, em diversas Tipografias e Livrarias-editoras brasileiras e lusitanas.

Houve um tempo em que, ao Administrador, se aliava a figura do Diretor da Livraria, eleito anualmente. Surgiu mais tarde o cargo de Procurador, que, entre outras coisas, fazia a ponte de ligação entre o Administrador e a Diretoria.

Recordemos aqui, entre os Administradores, os nomes de Antônio Lima, Antônio Alves da Fonseca, José Rodrigues Pereira Guimarães, Nilo Fortes, Jacinto Silva, José Vaz de Carvalho (perto de doze anos), Amadeu Santos (por pouco tempo) e, por último, Armando Camanho, o empregado mais antigo da Livraria, nomeado interinamente.

Dali para frente, a Diretoria resolveu tomar a si a administração direta da Livraria. Isso aconteceu em 1943, com o propósito de regularizar os serviços da Livraria, equilibrar-lhe as contas e pôr em dia perto de oitenta obras espíritas que se achavam esgotadas.

No passado, a Livraria vendia ao público não só livros espíritas (em português, francês, espanhol, italiano, alemão), que também obras de teosofia, esoterismo, ocultismo e outras, geralmente em francês. Todo o estoque de livros estrangeiros provinha da importação regularmente feita pela própria Livraria.

Somente em 1925, o Administrador Antônio Alves da Fonseca achou chegada a hora de reduzir de muito, se não de todo liquidá-lo, o estoque de obras que nada tinham a ver com o Espiritismo, a fim de "transformar a Livraria em uma casa exclusivamente espírita".

A partir de 1917, os Estatutos determinaram que o REFORMADOR ficasse anexado à administração da Livraria, passando o Administrador desta a também gerenciar o citado órgão de imprensa da FEB, procedimento esse que acabou não satisfazendo a ambos os lados.

Os acontecimentos demonstraram a necessidade de separar os dois serviços, o que foi feito com a modificação parcial dos Estatutos, em 1924, ressurgindo o lugar de Diretor-Gerente de REFORMADOR, o qual havia sido suprimido pelos anteriores Estatutos. Ficava, assim, o REFORMADOR desligado da administração da Livraria, sendo estatuído que esta contribuiria mensalmente para ajudar nas despesas da revista.

Por várias vezes, a Livraria viveu momentos bem difíceis, principalmente financeiros, sempre, porém, superados com o trabalho e a dedicação dos dirigentes. Os livros feitos fora da Casa de Ismael eram motivo de constantes preocupações e aborrecimentos. Malgrado tudo isso, sempre houve empenho da Livraria de não aumentar os preços dos livros por ela editados no Brasil, mas o mesmo não se podia fazer com suas obras impressas no Exterior.

TIPOGRAFIA E EDITORA

Desde os primeiros tempos da Federação, seus Estatutos cogitavam de oficina tipográfica própria. Em 1891, sob a presidência do Dr. Dias da Cruz e a vice-presidência de Bezerra de Menezes, a FEB volta a articular plano com o objetivo de se montar "uma oficina tipográfica para a impressão do REFORMADOR e de obras de propaganda". Malgrado intento! Não havia recursos para tanto!

Em 1937, o então Presidente da FEB, Luís Olímpio Guillon Ribeiro, lembra de novo a necessidade inadiável da instalação de oficinas gráficas. Apesar de combatida, a idéia evoluiu, firmando-se em 1938. E a partir de 4 de novembro de 1939 entrava em funcionamento no pavimento térreo da Avenida Passos, 30 - num local que correspondia ao antigo depósito da Livraria e parte do salão onde depois ficaria a Biblioteca (hoje desativada) - a primeira oficina tipográfica da FEB. A esta foi acrescentado, em 1942, um setor de encadernação. Todo esse pequeno parque editou e reeditou, durante nove anos, quase todas as obras espíritas da Federação, bem assim o próprio REFORMADOR.

A oficina tipográfica da FEB nasceu como uma dependência da Livraria, daí porque esta passou a denominar-se Livraria-Editora. Mas é bom que se diga que essa importante conquista não foi, no início, olhada com bons olhos pelos eternos críticos que nada fazem. Achavam que a FEB, no programa do livro espírita, ao criar sua própria oficina gráfica, caminhava para uma expressão meramente mercantilista. Guillon Ribeiro, em 1938, respondeu a eles, dizendo: "(...) a Livraria constitui o ponto de mira dos que não se cansam no lamentável e inútil afã de promover o descrédito da Federação, cujo desaparecimento alguns talvez desejassem, apesar de se proclamarem espíritas, quiçá por não na poderem ter como instrumento das suas vaidades pessoais."

Com o passar dos anos, as impressoras e o serviço de encadernação não davam conta dos crescentes pedidos de livros.

Eis que no seu Relatório à Assembléia Deliberativa da FEB (julho 1944 a junho 1945), o então Presidente Antônio Wantuil de Freitas expôs o plano para a aquisição de um prédio, a fim de ampliar a editora, tendo em vista que as oficinas existentes na Avenida Passos não mais comportavam o aumento sempre crescente das necessidades. As máquinas trabalhavam dez horas por dia!

Em 1945, o presidente e a Casa foram novamente combatidos pelos mesmos motivos de 1938, ao que Wantuil respondeu: "o serviço da Livraria, apesar de aparentemente comercial, é um setor de difusão da felicidade espiritual (...)", acrescentando que "a Livraria não é propriamente um setor comercial, mas de trabalho doutrinário dos mais relevantes (...)".

No ano de 1946, foi adquirida uma propriedade na rua Figueira de Melo, 410 (São Cristóvão), onde começou a ser instalado o Departamento Editorial da FEB, com a mudança da oficina da Avenida Passos, 30. Ali, as máquinas impressoras começaram a funcionar a 9 de setembro de 1948, ficando desde então a Livraria separada definitivamente da Editora, embora ambas visassem a um mesmo objetivo: a divulgação do Espiritismo.

Durante vinte anos, com muito trabalho, sacrifício e perseverança, o Departamento Editorial ampliou suas instalações.

Como disse o Irmão X, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, a Federação Espírita Brasileira "(...) pela abençoada luz que acende, através do livro cristão, no Lar Brasileiro de oito milhões e meio de quilômetros quadrados, não reclama senão a possibilidade de continuar agindo e crescendo para servir a todos". (*O Santuário de Ismael*, 20-8-50.)

1. WANTUIL, Zêus. "Os Grandes Espíritos do Brasil", FEB, 3ª ed., p. 188.

2. A primeira Livraria Espírita organizada, de que se tem notícia no Brasil, foi inaugurada em 31 de março de 1882, sob os auspícios da Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, achando-se presentes à inauguração membros e representantes de Grupos Espíritas de vários Estados e da Capital. A Sociedade Acadêmica foi fundada no Rio de Janeiro, a 3 de outubro de 1879.

Campanha de Divulgação do Espiritismo

Aprovada pelo Conselho Federativo Nacional, a FEB lança essa Campanha, que atingirá todo o território brasileiro

Em sua Reunião Ordinária realizada no período de 8 a 10 de novembro de 1996, o Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira aprovou, por unanimidade, o Plano de Ação, os textos dos folhetos básicos e o lançamento imediato de uma ampla Campanha destinada à divulgação do Espiritismo, cujo cartaz compõe a capa de REFORMADOR de janeiro deste ano.

A **Campanha de Divulgação do Espiritismo** destina-se a dois tipos de clientela: a) **ao público em geral** - com esclarecimentos sobre a Doutrina Espírita ou Espiritismo e a Prática Espírita; e b) **ao Movimento Espírita** - com informações sobre o Centro Espírita e o Trabalho de Unificação, com base no opúsculo "Orientação ao Centro Espírita".

O lançamento e manutenção dessa Campanha em nível estadual está sendo programado e realizado pelas Entidades que constituem o Conselho Federativo Nacional, e todos os espíritas são naturalmente convidados a participar desse amplo esforço de difusão doutrinária.

PLANO DE AÇÃO

Objetivo da Campanha:

Tornar a Doutrina Espírita cada vez mais conhecida e melhor compreendida pelo público em geral.

Público alvo:

1. As pessoas de todos os níveis e condições sociais e culturais que ainda desconhecem a Doutrina Espírita.

2. Os Espíritas em geral: dirigentes, trabalhadores e simpatizantes, interessados e participantes das tarefas de estudo, difusão e prática da Doutrina Espírita.

Obs.: Esta configuração de público poderá ser segmentada, conforme a necessidade do desdobramento da Campanha, de acordo com a realidade de cada Instituição.

Meios:

1. Ampliar a divulgação da Doutrina Espírita através de todos os veículos de comunicação possíveis, tais como: cartazes, folhetos, vídeos, rádios, TV, jornais, "outdoors", adesivos, etc.

2. Promover, de forma cada vez mais ampla e mais adequada, o atendimento a todos os que procuram as Instituições Espíritas em busca de esclarecimento, orientação e assistência.

As *Etapas* do Plano discriminam as providências relacionadas com: 1. Promoção e elaboração dos textos básicos; 2. Execução; 3. Participação das Instituições Espíritas.

Com base nos textos e peças distribuídos para o público em geral, as Entidades que integram o CFN, como também as Editoras, Centros e demais Instituições Espíritas poderão:

a) Obter ou duplicar esse material e divulgá-lo de uma forma ampla, em lugares, órgãos e estabelecimentos públicos, tais como: rodoviárias, aeroportos, "shopping centers", praças, bancas, livrarias, etc., inclusive nos próprios Centros Espíritas, distribuindo-o aos seus freqüentadores;

b) elaborar novos textos e novas peças, adaptados ao nível cultural, econômico e social, como também à faixa de interesse do público a que se destina;

c) utilizar, nessa Campanha, o rádio, a TV, o vídeo e o computador; os jornais, as revistas, os boletins e os folhetos; os cartazes, os "outdoors", os cartazes e os adesivos, adaptando e preparando o material de divulgação adequado a cada um desses meios de comunicação;

d) aproveitar as comemorações dos 140 anos de "O Livro dos Espíritos", em 1997, e outras datas de grande relevância para o Espiritismo, para intensificar a dinamização da Campanha;

e) promover reuniões e seminários destinados ao esclarecimento e à preparação de trabalhadores espíritas, para a sua participação na execução da Campanha, podendo contar, para isso, se necessário e dentro das possibilidades, com a colaboração da Comissão de Acompanhamento e Orientação, designada pelo CFN.

CONTEÚDO DA CAMPANHA

FOLHETO BÁSICO PARA O PÚBLICO EM GERAL

DOUTRINA ESPÍRITA ou ESPIRITISMO

O que é

- É o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec, que constituem a Codificação Espírita: **O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese.**
- É o Consolador prometido, que veio, no devido tempo, recordar e complementar o que Jesus ensinou, "restabelecendo todas as coisas no seu verdadeiro sentido", trazendo, assim, à Humanidade as bases reais para sua espiritualização.

O que revela

- Revela conceitos novos e mais aprofundados a respeito de Deus, do Universo, dos Homens, dos Espíritos e das Leis que regem a vida.
- Revela, ainda, o que somos, de onde viemos, para onde vamos, qual o objetivo da nossa existência e qual a razão da dor e do sofrimento.

Qual a sua abrangência

- Trazendo conceitos novos sobre o homem e tudo o que o cerca, o Espiritismo toca em todas as áreas do conhecimento, das atividades e do comportamento humanos.
- Pode e deve ser estudado, analisado e praticado em todos os aspectos fundamentais da vida, tais como: científico, filosófico, religioso, ético, moral, educacional, social.

O que ensina (pontos fundamentais):

- Deus é a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas. É eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.
- O Universo é criação de Deus. Abrange todos os seres racionais e irracionais, animados e inanimados, materiais e imateriais.
- Além do mundo corporal, habitação dos Espíritos encarnados (homens), existe o mundo espiritual, habitação dos Espíritos desencarnados.
- No Universo há outros mundos habitados, com seres de diferentes graus de evolução: iguais, mais evoluídos e menos evoluídos que os homens.
- Todas as leis da Natureza são leis divinas, pois que Deus é o seu autor. Abrangem tanto as leis físicas como as leis morais.
- O homem é um Espírito encarnado em um corpo material. O perispírito é o corpo semimaterial que une o Espírito ao corpo material.
- Os Espíritos são seres inteligentes da criação. Constituem o mundo dos Espíritos, que preexiste e sobrevive a tudo.

- Os Espíritos são criados simples e ignorantes. Evoluem, intelectual e moralmente, passando de uma ordem inferior para outra mais elevada, até a perfeição, onde gozam de inalterável felicidade.
- Os Espíritos preservam sua individualidade, antes, durante e depois de cada encarnação.
- Os Espíritos reencarnam tantas vezes quantas forem necessárias ao seu próprio aprimoramento.
- Os Espíritos evoluem sempre. Em suas múltiplas existências corpóreas podem estacionar, mas nunca regridem. A rapidez do seu progresso, intelectual e moral, depende dos esforços que façam para chegar à perfeição.
- Os Espíritos pertencem a diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado: Espíritos Puros, que atingiram a perfeição máxima; Bons Espíritos, nos quais o desejo do bem é o que predomina; Espíritos Imperfeitos, caracterizados pela ignorância, pelo desejo do mal e pelas paixões inferiores.
- As relações dos Espíritos com os homens são constantes, e sempre existiram. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os imperfeitos nos impelem para o mal.
- Jesus é o guia e modelo para toda a Humanidade. E a Doutrina que ensinou e exemplificou é a expressão mais pura da Lei de Deus.
- A moral do Cristo, contida no Evangelho, é o roteiro para a evolução segura de todos os homens, e a sua prática é a solução para todos os problemas humanos e o objetivo a ser atingido pela Humanidade.
- O homem tem o livre-arbítrio para agir, mas responde pelas conseqüências de suas ações.
- A vida futura reserva aos homens penas e gozos compatíveis com o procedimento de respeito ou não à Lei de Deus.
- A prece é um ato de adoração a Deus. Está na lei natural, e é resultado de um sentimento inato do homem, assim como é inata a idéia da existência do Criador.
- A prece torna melhor o homem. Aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. É este um socorro que jamais se lhe recusa, quando pedido com sinceridade.

PRÁTICA ESPÍRITA

- Toda a prática espírita é gratuita, dentro do principio do Evangelho: "Dai de graça o que de graça recebestes".
- A prática espírita é realizada sem nenhum culto exterior, dentro do princípio cristão de que Deus deve ser adorado em espírito e verdade.
- O Espiritismo não tem corpo sacerdotal e não adota e nem usa em suas reuniões e em suas práticas: altares, imagens, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgência, paramentos, bebidas alcoólicas ou alucinógenas, incenso, fumo, talismãs, amuletos, horóscopos, cartomancia, pirâmides, cristais, búzios ou quaisquer outros objetos, rituais ou formas de culto exterior.
- O Espiritismo não impõe os seus princípios. Convida os interessados em conhecê-los a submeter os seus ensinamentos ao crivo da razão, antes de aceitá-los.
- A mediunidade, que permite a comunicação dos Espíritos com os homens, é uma faculdade que muitas pessoas trazem consigo ao nascer, independentemente da religião ou da doutrina doutrinária de vida que adote.
- Prática mediúnica espírita só o é aquela que é exercida com base nos princípios da Doutrina Espírita e dentro da moral cristã.
- O Espiritismo respeita todas as religiões, valoriza todos os esforços para a prática do bem e trabalha pela confraternização entre todos os homens, independentemente de sua raça, cor,

nacionalidade, crença, nível cultural ou social. Reconhece, ainda, que "o verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza".

"Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei".

"Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade."

"Fora da caridade não há salvação ".

O estudo das obras de Allan Kardec é fundamental para o correto conhecimento da Doutrina Espírita.

Rotina: erro a evitar

Quase sempre, irmãos dedicados ao serviço da evangelização da Humanidade (o que vale dizer, na sua própria cristianização) fazem de seus programas uma rotina.

Sem o sentir, vão aos poucos automatizando os trabalhos, como a própria prática do intercâmbio entre o Céu e a Terra.

Este erro se tem repetido em quase todas as doutrinas que se propõem divulgar a Divina Mensagem.

As invocações e as preces, que devem ser exaltação da alma através da meditação e da concentração, na convicção de poder entrar em comunhão com os emissários do Senhor, tornam-se, através da rotina, simples atos materiais, meras práticas de liturgia, que raramente rompem a neblina de trevas que cercam o plano material.

No entanto, o trabalho dos que estão alistados na campanha de renovação das criaturas é um trabalho de comunhão com Jesus, através da permanente vigilância de suas tendências, para que elas não substituam a vontade de Deus. Estar ao serviço de Jesus, meus irmãos, é buscar entender a sua vontade e nos tornarmos seus instrumentos junto aos nossos irmãos. Estar ao serviço de Jesus, meus filhos, é esquecer o que somos e o que pretendemos, para que o Senhor viva em nós e nós Nele; é estar, meus irmãos e amigos de aprendizado evangélico, sempre em comunhão com o Senhor, através - repetimos - da oração, da meditação e da vigilância; é não permitir que a rotina mecanize a mensagem do Cristo de Deus, como aconteceu com nós mesmos em outras etapas e em outras formas de prática e pregação dos ensinamentos de Jesus.

Como nos havíamos proposto a divulgá-los, hoje que temos o Espírito da Verdade a nos esclarecer o seu Evangelho, repilamos as práticas rotineiras, para vivermos, em espírito e verdade, as lições de Jesus, buscando tê-lo sempre presente em todos os nossos atos.

Paz, luz e amor.

Paulo

(Página recebida pelo médium Olímpio Giffoni, na sessão do Grupo Ismael de 15-8-74, na Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro.)

Ricardo Lopes Gouveia

AFFONSO SOARES

Aos 14 de novembro de 1996, com 90 anos de idade, faleceu em sua residência, no bairro de Colégio, no Rio de Janeiro, o nosso companheiro Ricardo Lopes Gouveia, por motivo de insuficiência cardiorrespiratória. O sepultamento se deu no dia seguinte, às 13 horas, no Cemitério de Irajá, tendo comparecido ao ato, representando a Federação, a Diretora do Departamento de Assistência Social - Rio, Tânia de Souza Lopes, e os confrades Lúcio Dordon, José Francisco dos Santos, Ana Maria Rodrigues dos Santos, Marlene Teixeira de Oliveira e Marley Souza Lopes, todos colaboradores do mesmo Departamento.

Ricardo nasceu em Portugal, mas viveu quase toda a sua existência no Brasil, pois seus pais, premidos pelas aflições da Primeira Guerra Mundial, para cá emigraram com todos os filhos.

Sendo completamente avesso a quaisquer referências à sua pessoa, no cumprimento dos deveres de espírita-cristão, o velho Ricardo não nos deixou qualquer nota sobre sua vida nem sobre sua longa permanência nos serviços da Casa de Ismael. Vez por outra, e tão-somente para instruir-nos sobre a maneira de trabalhar dos antigos obreiros da Federação, com os quais conviveu, o estimado amigo era obrigado a mencionar algo de suas próprias atividades. E é desse material, conservado em nossa memória, que colhemos algo em torno da personalidade desse velho líder da Federação, muita vez incompreendido em razão de possuir forte caráter, usar de linguagem franca - mas nunca desrespeitosa - e não se preocupar em agradar a quem quer que fosse, senão apenas à própria consciência.

Mas, quem convivia mais de perto com o querido companheiro logo notava que o exterior incompreendido não correspondia absolutamente ao interior, todo tecido de nobreza, lealdade e, sobretudo, compaixão pelos que sofriam, na alma ou no corpo, principalmente os que visitavam o venerando casarão da Av. Passos em busca de um alívio, de urna migalha, de um socorro. Sempre pobre, vivendo de minguada aposentadoria, o velho Ricardo, que havia conhecido até a fome, não deixava de tirar do bolso os poucos recursos de que dispunha para ofertá-los a um ou outro necessitado ali em trânsito, crendo que o fazia às ocultas, sem perceber que já acompanhávamos, de longe, o movimento discreto de sua mão a oferecer uns trocados que certamente lhe fariam falta.

Sua amizade era pura, sincera, manifestada sem convencionalismos nem rapapés, e em nome dela não nos regateava conselhos, advertências, algumas bem calorosas, mas que logo entendíamos ser extremamente úteis ao nosso desempenho de espíritas a serviço da Casa de Ismael.

Seu ingresso na Doutrina se deu por volta do início dos anos 30. Sua genitora já freqüentava a Federação mas não conseguia atraí-lo. Um abscesso dentário se encarregou do encaminhamento. Livrando-se do transtorno pela ação do dentista que dava plantão em gabinete instalado na Av. Passos, o velho amigo passou a freqüentar a Casa, logo ingressando nos serviços da antiga Assistência aos Necessitados, atual Departamento de Assistência Social, onde trabalhou sem interrupções até que a doença o reteve no leito, cerca de um mês antes de sua desencarnação.

Na Assistência, percorreu com zeloso desempenho quase todos, senão todos, os setores de sua atividade, integrando a Comissão de Assistência, participando das reuniões mediúnicas, atuando como médium psicógrafo nas sessões públicas, realizando os estudos da chamada "Reunião da Prece", prática vespertina, diária, da Casa de Ismael, visitando necessitados para as sindicâncias que os habilitariam ao socorro da Assistência.

Embora não houvesse tido a oportunidade de se ilustrar com cursos nas instituições terrenas, possuía uma bagagem intelectual extraordinária, certamente adquirida em anteriores existências e aqui recordada graças ao cultivo da boa leitura, da boa música, amante que era dos grandes clássicos e do gênero operístico. Em sua juventude, dedicara-se ao bel-canto, bem como ao esporte, tendo sido remador no Clube de Regatas Vasco da Gama.

Nos últimos anos, cuidava, com inexcedível carinho, da volumosa correspondência dirigida por sofrendores ao Departamento de Assistência Social. Ricardo não somente executava a parte, por

assim dizer, técnica, de conferência, mas acrescentava algo de sua experiência e sentimento, juntando às respostas as mensagens espirituais cabíveis e, mesmo, aditando algumas palavras ditadas por seu coração para alívio especial de certos casos ali expostos.

Contou-nos o velho Ricardo que, por ocasião da desencarnação do Presidente Guillon Ribeiro, desincumbiu-se provisoriamente do serviço de correspondência com as instituições adesas à Federação, trabalho a que o ex-Presidente se dedicava com extremo carinho.

Também exerceu, na gestão de Antônio Wantuil de Freitas, as graves funções de Tesoureiro, confiadas somente à responsabilidade de pessoas capazes para tanto. Ricardo também era membro do Conselho Superior.

Enfim, serviu modesta mas intensamente, incansavelmente, sem alardes, procurando viver a pura essência do Evangelho.

Como últimas palavras, queremos dizer que, se perdemos o convívio material de um excelente companheiro, de um seguro orientador, a Casa ganha, em contrapartida, mais um devotado e vigilante servidor desencarnado, com o qual sabe que contará incondicionalmente.

Deus ampare o querido companheiro, por intermédio da ação protetora daquela Caravana que jamais se desfaz - é o sincero desejo de todos os obreiros da Casa de Ismael.

O Movimento Espírita nos Estados Unidos da América

Vinte instituições e grupos reúnem-se em Rockville (MD) no Primeiro Encontro de Dirigentes Espíritas daquele País

Com objetivo de obter orientação para melhor organizar o Movimento Espírita nos EUA, com vistas à união das instituições e grupos espíritas, realizou-se em Rockville (MD) - área metropolitana de Washington -, no dia 24 de novembro de 1996, o Primeiro Encontro de Dirigentes Espíritas dos Estados Unidos da América, com a participação do Conselho Espírita Internacional, através do seu Secretário-Geral, Nestor João Masotti, e do seu Tesoureiro, Benjamin Rodrigues Barrera, que também é Presidente da Federação Espírita Kardeciana da Flórida. Compareceram vinte instituições e grupos espíritas de várias regiões dos EUA e um grupo de Toronto (Canadá) num total de 58 pessoas.

O ponto central do Encontro foi o **Seminário sobre Organização e Unificação do Movimento Espírita**, desenvolvido por Nestor João Masotti, que resultou na manifestação unânime dos presentes no sentido de se estudar a estruturação de um organismo responsável pela união das instituições espíritas nos Estados Unidos, que possa favorecer o aprimoramento e o crescimento das atividades já existentes, além da orientação e formação de novos núcleos.

Para tanto, foi criada uma Comissão Provisória, composta por Vanderlei Marques (Coordenador), Benjamin Rodrigues Barrera, Antúlio Bonfim, Cláudia Hern, Marives Toscano e Norma Guimarães.

PLANO DE AÇÃO DA COMISSÃO PROVISÓRIA

Encerrado o Encontro, a Comissão Provisória cuidou de elaborar um Plano de Ação para os seus trabalhos, do qual destacamos os seguintes pontos:

- a) Levantamento cadastral de todas as instituições espíritas existentes nos EUA, com e sem personalidade jurídica;
- b) elaboração de um anteprojeto de Estatuto que deverá reger o destino e as atividades do órgão que se pretende criar, encaminhando-o às entidades espíritas para análise e sugestões;
- c) apresentação do anteprojeto de Estatuto à consideração dos participantes do Segundo Encontro de Dirigentes Espíritas dos Estados Unidos da América, a realizar-se em novembro de 1997. Se for aprovado, será marcada a Assembléia Geral para a fundação da Entidade que deverá unir o Movimento Espírita dos EUA e a aprovação do respectivo Estatuto.

A Comissão Provisória propõe-se ainda a colaborar com os grupos interessados em organizar-se jurídica e administrativamente, colocando à sua disposição modelos de Estatuto, Regimento Interno e Termos de Incorporação.

Além disso, está em entendimento com a Federação Espírita Brasileira no sentido de promover um Curso de Formação de Coordenadores do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, para interessados designados pelas respectivas instituições, que poderá ocorrer ainda este ano, possivelmente em Nova York, Washington (DC) e Miami.

Está circulando O Boletim Informativo nº1, da Comissão Provisória, do qual retiramos subsídios para esta notícia.

VISITAS A NÚCLEOS ESPÍRITAS

Após a participação no Encontro de Dirigentes Espíritas, o Secretário-Geral do CEI, Nestor João Masotti, que é um dos Vice-Presidentes da FEB, visitou instituições e grupos espíritas de Nova York (NY), Nova Jersey (NJ), Danbury (Connecticut), Boston (Massachusetts) e Miami (Flórida), nos quais fez exposições doutrinárias. Participou, ainda, em Miami, de uma reunião de dirigentes espíritas, promovida pela Federação Espírita Kardeciana da Flórida.

Relações Humanas no Centro Espírita

XERXES PESSOA DE LUNA

Na dinâmica de funcionamento de uma Instituição Espírita, um dos elementos fundamentais a ser considerado é, indubitavelmente, o relacionamento humano interpessoal de seus integrantes, pois sendo a Casa Espírita um ambiente de paz, fraternidade, concórdia e amor, está a exigir de todos nós uma postura comportamental compatível com estes requisitos, a fim de que suas finalidades junto à criatura humana não venham a ser comprometidas por qualquer tipo de desarmonia. A ausência de testemunho, neste sentido, poderá abalar a unidade da Instituição, além de enfraquecer a ação transformadora espírita desenvolvida pela Casa; daí devermos envidar todos os esforços no sentido de que nossa convivência com os companheiros de jornada se faça sempre de forma saudável, pois é inconcebível que, por questões de ordem pessoal, muitas vezes motivadas pelo orgulho e a vaidade, comprometamos os bons serviços prestados pela Casa junto a nossos irmãos encarnados e desencarnados.

Sabemos que todos os trabalhadores de um Centro Espírita são criaturas animadas do desejo comum de bem servir à causa do Cristo à luz dos preceitos espíritas, entretanto, também é sabido que cada um traz consigo suas realidades e experiências individuais e isto, por vezes, constitui motivo de discordância no grupo de trabalho. Todavia, na qualidade de espíritas, deveremos estar atentos para o fato de sermos cada um de nós seres em diferentes faixas evolutivas e que estas diferenças são situações naturais que não devem servir de pretexto para nos separar e sim para nos unir em nossos propósitos de crescimento individual e coletivo, na medida em que nos auxiliamos uns aos outros. Neste sentido o exercício da paciência, da humildade, do respeito aos sentimentos alheios, do controle emocional, da cortesia, da disciplina e de tantos outros valores nobres da alma humana se faz imperativo.

É muito natural que num grupo de trabalho as pessoas discordem, contudo, essas discordâncias devem contribuir para o crescimento do grupo e não para seu esfacelamento. Se assim agirmos aboliremos de uma vez por todas, nessas ocasiões, as figuras dos vencidos, dos vencedores e dos melindres, pois que prevalecerá o bom senso, a unidade da Casa e a coerência doutrinária. Nos momentos em que os conflitos se fizeram inevitáveis, mantenhamos a serenidade, a ética e o respeito humano, buscando sempre, no diálogo, o entendimento, a concórdia e, acima de tudo, mantenhamo-nos fiéis à causa e à Casa que nos acolhe, preservando-as sempre de quaisquer danos. Atentemos para o conselho do apóstolo Paulo (Efésios, 4:1-3):

"Exorto-vos a que leveis uma vida digna da vocação a que fostes chamados, com toda humildade, mansidão e paciência. Suportai-vos uns aos outros na caridade. Esforçai-vos por preservar a unidade do Espírito no vínculo da Paz."

Urge que nós, espíritas, paremos e reflitamos acerca da forma de nos relacionarmos uns com os outros em nossas Instituições. Não nos esqueçamos de que a reforma cristã do homem é a grande meta espírita. Fazê-lo feliz, justo, fraterno, amoroso e bom consigo mesmo e com seu semelhante é o objetivo de toda Casa Espírita; daí devermos envidar todos os esforços no sentido de que em nossas searas de trabalho o clima de convivência humana esteja sempre em consonância com tão nobres propósitos doutrinários a fim de que Nosso Senhor Jesus-Cristo, ao chegar, encontre a obra pronta.

SEARA ESPÍRITA

FATOS EM NOTÍCIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: CURSO DE PSICOBIOFÍSICA

O Grupo de Pesquisas Psicobiofísicas da USP formou sua primeira turma de pós-graduação *lato sensu* Integração Cérebro-Mente-Corpo-Espírito. A cerimônia de colação de grau ocorreu em 9 de dezembro do ano passado, às 20h30min, no anfiteatro da Universidade, com a presença, na mesa diretora, do coordenador do curso, Sérgio Felipe de Oliveira, do patrono, Hernani Guimarães Andrade, da paraninfa, Irvênia Luiza Di Santis Prada, de diversos professores da USP e de representantes de instituições Espíritas. Colaram grau 61 alunos.

•

O CEI NA INTERNET

O Conselho Espírita Internacional (CEI) já implantou a sua Home Page na Internet, que pode ser acessada no seguinte endereço: <http://www.bsb.nutecnet.com.br/web/cei>.

O CEI também dispõe de correio eletrônico (e-mail), cujo endereço é: concei@nutecnet.com.br.

•

PERNAMBUCO: ENCONTRO DE JUVENTUDE ESPÍRITA

A Federação Espírita Pernambucana realizará nos dias 20 a 30 deste mês, período da chamada semana santa, o XV EJEPE - Encontro de Juventude Espírita de Pernambuco. O evento ocorrerá nas dependências da Escola Técnica Federal de Pernambuco, quando será abordado o tema "Sexualidade e Espiritualidade" através da médica Anete Guimarães, do Rio de Janeiro, com a colaboração de outros integrantes. Todas as instituições Espíritas do Estado estão convidadas.

•

PERU: CENTROS ESPÍRITAS

Em correspondência endereçada ao Presidente da FEB, o confrade Luis Hu Rivas dá notícia das atividades de divulgação do Espiritismo no Peru, onde residem muitos espíritas brasileiros, que estão sendo estimulados a participar dos trabalhos das seguintes Casas Espíritas: Centro Espírita Allan Kardec - Adepa E-1, José Luis Bustamante y Rivero, Arequipa (Tel.:054-425751); Centro Espírita Amor y Trabajo - Los Alpes 106 Urb. Jorge Chávez, Surquilio, Lima (Tel. 4495816); Centro de Fraternidad Espírita Francisco de Asis - José Pardo 620, Local 08, mezanine, Miraflores, Lima; e Centro Espírita (ainda sem nome) - Urb. San José 1.541, Calle nº 3, Piura.

•

CEARÁ: CASA DE BEZERRA

No mesmo local onde anteriormente se ergueu a casa onde nasceu Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti, da qual restam apenas alicerces e alguns vestígios da construção antiga, será a mesma reconstruída. Quem garante é o Presidente da Federação Espírita do Estado do Ceará, Benvindo Melo (recém-eleito para novo mandato), em visita que fez ao local, dia 11 de dezembro passado, na cidade de Jaguaratama, antigo Riacho do Sangue. (*Ceará Espírita.*)

•

PARANÁ: UREs REALIZAM SEMINÁRIOS

As Uniões Regionais Espíritas (UREs), órgãos da Federação Espírita do Paraná, realizaram no mês de fevereiro os seguintes seminários: Dia 1º - Em Foz do Iguaçu - Treinamento e reciclagem de coordenadores de programas de estudo; em Guarapuava - Relações Humanas no Centro Espírita; em Paranavaí - Unificação começa com união. Dia 15: em Cascavel - Há vida após a morte?; em Maringá - Critérios para elaboração de programas de estudo; em Foz do Iguaçu - Encontro de expositores da Doutrina Espírita; em Ponta Grossa - Treinamento e reciclagem de coordenadores de programas de estudo.

•

SÃO PAULO: USE - CONFRATERNIZAÇÕES REGIONAIS

Realizaram-se em fevereiro duas Confraternizações Regionais por órgãos da USE - União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo: a CONRESPI (Confraternização promovida pela USE Regional de Ribeirão Preto), em Araraquara, nos dias 8 a 11, na Escola Estadual Bento de Abreu, com o tema "Atividade do Centre Espírita"; e a CONEAN (Confraternização de Espíritas da Alta Noroeste), em Araçatuba, no *campus* da Faculdade de Odontologia da Unesp, durante o dia 16, quando foram desenvolvidos cinco temas pelas cidades que compõem aquela USE Regional.

•

FEB: VÍDEOS DO CONGRESSO ESPÍRITA MUNDIAL

A Federação Espírita Brasileira (SGAN 603, Conj. F - 70830-030 Brasília, DF) já está distribuindo as fitas de vídeo do 1º Congresso Espírita Mundial. São mais de cem títulos, que trazem em bem elaborada produção, as conferências, painéis, simpósios, exposições do temário e temas livres sobre os mais variados assuntos. As fitas podem ser solicitadas também em áudio e custam R\$ 27,00 as de vídeo e R\$ 7,00 as de áudio, com as despesas postais já incluídas. Aqueles que desejarem maiores informações da Federação podem telefonar ou enviar fax (061) 226-4173.